



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

A influência cultural romana no uso do véu no Cristianismo Primitivo

Maria Eduarda Augusto Itacaramby

Brasília – DF

Julho / 2025



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

A influência cultural romana no uso do véu no Cristianismo Primitivo

Maria Eduarda Augusto Itacaramby

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Dobroruka

Brasília – DF

Julho / 2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, fonte verdadeira da luz e da ciência, que derramou sobre as trevas da minha inteligência um raio de sua claridade, conduzindo-me para escrever este trabalho.

Também à Virgem Santíssima e São José, que não me desamparam em nenhum momento da minha vida, especialmente durante esta graduação.

Ao meu orientador, Vicente, por ter sido tão solícito e paciente, ajudando em todas as minhas dúvidas e anseios relacionados a esta pesquisa. Nunca imaginei encontrar um orientador tão extraordinário.

A toda a minha família, por sempre terem me apoiado em todos os momentos da minha história. Quero agradecer infinitamente a meus pais, Julio e Elis, pelo amor incondicional, e aos meus irmãos, Carlos Cesar e Ana Luiza, por todas as conversas na cozinha e pela alegre companhia nesta trajetória. Ter a presença de vocês tornou esta caminhada muito mais feliz.

Ao meu namorado, João Pedro, que por tantas vezes me incentivou a continuar esta pesquisa. Este texto não seria possível sem você. O seu amor e carinho me deram forças para escrever, mesmo nos dias mais difíceis. Obrigada por ser um parceiro de coração tão bom.

Às minhas queridas “donzelas”, Karen e Kamilla que, muito mais do que colegas de profissão, são verdadeiras irmãs na fé. Santa Joana D'Arc disse para defendermos o que é certo, mesmo que isso significasse estar sozinho. Entretanto, o Senhor, em sua infinita Bondade, não permitiu que eu ficasse solitária, mas me conduziu para que eu as encontrasse e pudesse trilhar esse caminho ao lado de vocês.

Aos demais colegas e amigos, minha sincera gratidão por todo apoio, seja espiritual, emocional ou intelectual, que me ajudou a chegar até aqui.

Jesus disse: Conhece o que está ante teus olhos – e o que te é oculto te será revelado; porque nada é oculto que não seja manifestado. [...]

Respondeu Jesus: Não mintais a vós mesmos, e não façais o que é odioso! Porquanto todas essas coisas são manifestas diante do Céu. Não há nada oculto que não seja manifestado, e não há nada velado que, por fim, não seja revelado.

(Evangelho Apócrifo de São Tomé, 5-6)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a influência cultural romana no uso do véu pelas mulheres no Cristianismo Primitivo, com ênfase na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. O estudo investiga as origens do véu no Antigo Oriente Próximo, seu simbolismo em sociedades do mundo antigo, e sua adaptação pelo Cristianismo como elemento de modéstia e identidade religiosa. Destaca-se o papel do véu como marcador social e sua relação com conceitos romanos associados à moralidade. A pesquisa demonstra como Paulo assimilou valores pagãos e judaicos, transformando o véu em um instrumento de conversão e integração cultural. Além disso, explora o contexto de Corinto para entender como a prática do véu foi normatizada nas primeiras comunidades cristãs. Por fim, discute-se brevemente a permanência desse costume ao longo da tradição cristã e o ressurgimento da prática do uso do véu na contemporaneidade.

Palavras-chave:

Literatura Paulina; Cristianismo Primitivo; Mulheres na Antiguidade.

ABSTRACT

The present work has, as the prime objective, the analysis of the roman cultural influence in the use of the veil by the primitive/early christian women, with emphasis on the First Letter of Paul to the Corinthians. The study investigates the origins of the veil in the Ancient Near East, its symbolisms in ancient world societies, and its adaptation by Christianity as an element of modesty and religious identity. The veil stands out as a social marker and has its relations with roman concepts associated with morality. The research shows how Paul assimilated pagan and jewish values, transforming the veil into an instrument of conversion and cultural integration. Furthermore, it explores the context of Corinth to understand how the practice of the use of the veil was standardized in the first christian communities. Finally, it discusses briefly the permanence of this costume throughout de christian tradition and its resurgence in present times.

Keywords:

Pauline Literature; Early Christianity; Women in Antiquity.

LISTA DE ABREVIATURAS

1 Cor — Primeira Carta de Paulo aos Coríntios

AEC — Antes da Era Comum

Ações e Prov. Mem. — Ações e Provérbios Memoráveis, de Valério Máximo

Bac. — *As Bacantes*, de Eurípedes

Ct — Cântico dos Cânticos

Da Nat. — Da Natureza, de Parmênides

Deipnos. — *Os Deipnofisistas*, de Ateneu

Dn — Daniel

Dt — Deuteronômio

EC — Era Comum

Gal — Carta de Paulo aos Gálatas

Gn — Gênesis

Gilg. — *Epopéia de Gilgamesh*

His. Rom. — *História de Roma*, de Dião Cássio

Hom. — *Homilia XXVI*, de João Crisóstomo

Il. — *Iliada*, de Homero

Is — Isaías

Metam. — *Metamorfoses*, de Apuleio

OCD — Dicionário Clássico de Oxford

Od. — *Odisseia*, de Homero

OLD — Dicionário de Latim de Oxford

Pedag. — *O Pedagogo*, de Clemente de Alexandria

Ques. Rom. — *Questões Romanas*, de Plutarco

RGDA — *Res Gestae Divi Augusti*, de Augusto César

Sát. — *Sátiras*, de Juvenal

Antig. Rom. — *Antiguidades Romanas*, de Dionísio de Halicarnasso

Sobre a Ling. Lat. — *Sobre a Língua Latina*, de Marcos Varro

Sobre o Véu das Virg. — *Sobre o Véu da Virgens*, de Tertuliano

Sold. Fanf. — *O Soldado Fanfarrão*, de Plauto

Trad. Apos. — *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma

As referências completas das obras citadas estão presentes na bibliografia deste trabalho.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: Uma breve história do véu e seus simbolismos na Antiguidade	12
CAPÍTULO 2: A mulher velada: o ideal feminino em Roma	23
CAPÍTULO 3: Os esforços de Paulo para assimilar as virtudes e expurgar os “vícios pagãos” do culto cristão	33
FONTES	44
BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA	45

INTRODUÇÃO

O véu é um elemento cultural, étnico e religioso que na contemporaneidade ganhou relevância no Ocidente devido ao crescimento do Islã¹ nos territórios europeus e norte-americanos. Assim, esse acontecimento acabou gerando um aumento nas pesquisas relacionadas a esse tema, na tentativa de compreender melhor os aspectos que circundam o ato de velar-se em diversas culturas e períodos. Na conclusão desta pesquisa, discute-se também um fenômeno que está ocorrendo nos últimos anos, onde jovens mulheres cristãs estão voltando a se velar nas igrejas² (CIESLIK, 2022).

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo discutir questões relacionadas ao uso do véu pelas mulheres nos primeiros séculos da Era Comum, e como se deu a influência romana no desenvolvimento desse costume, tendo em vista o processo de conversão do paganismo e do Judaísmo para o Cristianismo. Posto isto, a análise terá como base o capítulo 11 de Paulo em sua Primeira Carta aos Coríntios, escrita entre 53–55 EC (FEE, 1987, p.15), pois é a partir desse texto que se tem o primeiro registro escrito do pedido que as mulheres cristãs cubram suas cabeças. Posteriormente, esse texto irá influenciar alguns outros escritos cristãos, além de outros autores do Cristianismo Primitivo, como Tertuliano, Cipriano de Cartago, João Crisóstomo e outros que trabalharam com esse costume.

Nesse sentido, o véu pode ser pensado como um tecido que cobre parcial ou totalmente a cabeça, às vezes ocultando uma parte da face e, dependendo da cultura e da época, suas cores e formatos possuem significados diferentes. Dessa maneira, para as mulheres, cobrir a cabeça pode expressar piedade, mas existem também outros elementos

¹ No Islã, o uso do véu pelas mulheres é uma prática bastante comum, sendo esse costume baseado na sharia islâmica (sistema jurídico do Islã, ou seja, um conjunto de normas reguladoras da vida dos fiéis), no Corão e no hadith (tradições do Profeta Maomé que complementam o Corão). Desse modo, muitos estudiosos muçumanos sugerem o véu para as mulheres devido às diferenças entre homens e mulheres em sua natureza, temperamento e vida social, tendo em vista a importância da modéstia nessa tradição religiosa. Entretanto, existem algumas controvérsias em relação aos textos sagrados e a interpretação do ato de cobrir a cabeça. Para ver mais, recomendo Jeri A. Sechzer. *Islam and woman: Where tradition meets modernity: History and interpretations of Islamic women's status. Sex roles*, v. 51, n. 5-6, pp. 268–269, 2004.

² O costume do véu está presente na tradição cristã pelo menos desde o pedido de Paulo em 1 Cor. Entretanto, essa tendência muda de acordo com variações geográficas, de tempo, cultura e moda. Por exemplo, após o Concílio do Vaticano II, o uso do véu caiu em desuso entre as mulheres católicas, pois não existia mais uma obrigação canônica para tal, prevista antes no Código de Direito Canônico de 1917, no cânon 1262. No entanto, nas últimas décadas houve um aumento de mulheres interessadas em usar o véu nas celebrações litúrgicas, devido ao crescimento dos movimentos tradicionalistas. Para se aprofundar mais, recomendo Emma Cieslik; Robert Phillips. *Veiled Heads, Venerating Hearts: The Return of Veiling among US Catholics Post Vatican II. The International Journal of Religion and Spirituality in Society*, Granada, v. 12, n. 2, pp. 43-58, 2022.

relacionados a quando, como e porquê usá-lo, pois apesar dos motivos religiosos e culturais, uma mulher poderia usar o véu por questões práticas, como para proteger a si mesma das intempéries do sol, do vento e de excrementos de animais (STAFFORD, 2024, p. 7). Há também o elemento da moda, pois o véu pode ser pensado, além das questões religiosas e morais, como uma tendência no âmbito das vestimentas.

Segundo Llewellyn-Jones (2003, pp. 11 e 43), as representações das mulheres veladas variavam de acordo com o tempo e o lugar. Apesar de ser perigoso utilizar apenas a arte como identificador de modas correntes de vestuário, sabe-se que as roupas utilizadas pelas mulheres em esculturas e vasos provavelmente refletem a vida real na prática e a moda do momento, uma vez que “os estilos de véus utilizados [...] vão certamente representar a tendência do período, até de um pouco antes. [...] Adicionalmente, a moda nas roupas mudou muito devagar no mundo antigo” (WU, 2020, p. 27).

Inclusive, sabendo que toda moda é identitária, as vestimentas em voga possuem caráter simbólico, onde a moral é veiculada pelas vestes. Essa questão pode ser evidenciada na passagem de *O Soldado Fanfarrão*, onde um escravo instrui um velho homem a trazer sua cortesã e “trançar seus cabelos e amarrar com a *vittae*³, assim como a moda das matronas, e desse modo pode fingir que ela é a sua esposa” (Plauto, Sold. Fanf., 3.1).

Sob esse viés, o foco deste estudo será a perspectiva litúrgico-religiosa do uso da cobertura da cabeça pelas mulheres, e qual a sua relação com a cultura material predominante no Império Romano, tendo em vista que, segundo Gill (1990, p. 254), o encorajamento de Paulo para que as mulheres se cubram com o véu deve ser visto como um incentivo para reter certos valores da sociedade tradicional romana, como a ideia de *pudicitia*⁴ e *prudentia*⁵ (WINTER, 2003, pp. 101-102). Nessa conjuntura, ao manter certos princípios comuns da época na nascente moral cristã, percebe-se que Paulo utiliza o véu como um elemento facilitador do processo de conversão, ao assimilar as virtudes pagãs e judaicas associadas ao véu à prática cristã, uma vez que a ideia de modéstia e pudor seriam semelhantes e tornaria mais fácil a mudança para determinada comunidade, tendo em vista que a conversão consiste em

³ A *vittae* era utilizada como um símbolo de respeitabilidade para as meninas e esposas. Ela pode ser traduzida como “faixa para a cabeça”, funcionando como um certo tipo de proteção moral.

⁴ De acordo com o OLD, *pudicitia* significa “pureza sexual, castidade, virtude”. Além disso, ela também era adorada como uma deusa, sendo cultuada na Grécia e em Roma como a personificação da modéstia, e mulheres que estavam em seu segundo casamento não poderiam tocar sua estátua. Na arte, ela é representada como uma matrona em trajes modestos.

⁵ Segundo o OLD, *prudentia* significa sabedoria, sagacidade, discrição.

uma nova e consciente escolha para socializar com um grupo particular – a ressocialização. O convertido constrói uma nova estrutura de realidade, correspondendo à estrutura do grupo unido. Os valores do novo grupo formam a nova realidade do convertido. O grau de ressocialização depende da distância que o convertido deve percorrer entre as comunidades antiga e nova e da força do novo comprometimento (SEGAL, 1992, p. 74)⁶.

Entretanto, faz-se necessário entender que o uso do véu não era um costume exclusivo das sociedades greco-latinas e judaicas, pois é possível traçar uma genealogia geográfica de comunidades anteriores a essas, e que também consideravam o véu como um elemento importante nos costumes, inclusive criando leis para normatizar esse processo.

O véu era utilizado em diferentes contextos e por distintas sociedades, como os assírios, babilônios, persas, entre outros, sendo presente em cerimônias importantes, como casamentos, rituais religiosos, funerais e na vida doméstica cotidiana das mulheres. O cabelo coberto pelo véu é usado em rituais⁷ pois implica movimento e mudança, passagem e negociação, mudança no *status*, já que *capillus*, a palavra latina para cabelo, significa “pequena cabeça”, mostrando que o cabelo atua como uma metonímia para a pessoa inteira (LEVINE, 1995, p. 85).

Vale ressaltar que além dos fatores morais e sociais, o uso do véu dentro da assembleia também servia para evitar distrações durante o culto, tanto em relação à própria mulher que se cobria quanto para protegê-la dos olhares masculinos, já que seu cabelo poderia causar desatenção para eles mesmos. Essa ideia está presente desde os cultos pagãos, inclusive possuindo justificativas mitológicas⁸ para melhor compreendê-la.

Nessa conjuntura, a moral romana foi um elemento importante para a consolidação do uso do véu pelas mulheres, uma vez que associou virtudes a tal prática. O ato de revestir a cabeça diferenciaria as mulheres “respeitáveis” daquelas consideradas *hetairai*⁹, pois as

⁶ As traduções dos textos escritos em língua estrangeira foram feitas pela autora deste trabalho de conclusão de curso.

⁷ O uso do véu é principalmente utilizado em ritos de passagem, como o casamento, mas também pode ser visto em outras circunstâncias. Em um ritual da alta sacerdotisa de Baal, em Emar, ela era velada como uma noiva. Em ritos funerários, o véu também era adotado. Para saber mais, recomendo Marten Stol. *Women in the Ancient Near East*. Berlin: De Gruyter, 2016. No contexto religioso greco-romano, o ato de cobrir os cabelos pelas mulheres pode ter sido costumeiro. Nos ritos de sacrifício, mulheres e homens cobriam suas cabeças, assim como as noivas e algumas sacerdotisas, como as virgens vestais. No capítulo 1 deste trabalho irei contextualizar mais sobre o véu e seus usos na Antiguidade.

⁸ Plutarco, em suas *Questões Romanas*, procura entender porque os romanos adoram os deuses de cabeça coberta, mas ao tratar com homens importantes, eles descobrem suas cabeças. Dessa maneira, ele explica que esse costume está baseado no conto de Enéias. No capítulo 1 deste trabalho trarei mais informações sobre o mito supracitado.

⁹ Segundo o OCD, *hetairai* pode ser traduzido como companhias femininas pagas para realizar favores sexuais. Entretanto, elas se diferem das *pornai*, que eram prostitutas comuns, uma vez que elas eram conhecidas por sua

roupas serviam para distinguir as pessoas e seus determinados papéis sociais, ideia que resume sucintamente o princípio subjacente a algumas leis romanas sobre esta questão¹⁰ (WINTER, 2003, p, 85).

Sabendo disso, as matronas¹¹ representavam o símbolo da modéstia e do pudor, pois a cabeça coberta evidenciava publicamente seu *status* de casada. Assim, o véu adquiria um sentido cultural para a menina a partir do momento que ela poderia casar-se pois, uma vez desvelada pelo seu marido, seu cabelo é coberto contra os olhos dos demais e, além disso, o símbolo de transformação de sua passagem de virgem para esposa era representada pelo cabelo coberto (LEVINE, 1995, p. 96 e 102). Dessa maneira, a *stola*¹² e a *vittae* eram as vestimentas básicas da esposa casta durante a sua vida. Ao longo do tempo, as possíveis alterações que ocorriam no *status* de sua família eram evidenciadas pelas mudanças nos penteados ou no uso de coberturas para a cabeça (SEBESTA, 2001, p. 49).

Sob esse viés, durante o império de Augusto, foram criadas diversas leis com forte teor moral, a fim de incentivar a virtude em seus cidadãos, uma vez que “com essas leis, Augusto tentou ‘restaurar o sentimento moral e o respeito próprio aos homens que sobreviveram a uma catástrofe histórica, na qual os melhores provavelmente foram mortos’” (RADITSA, 1980, p. 282 apud REED, 2013, p. 18).

Nesse sentido, o imperador se firma na justificativa que está resgatando uma moral mais antiga que deve servir de exemplo para os seus contemporâneos, uma vez que ele afirma que “com essas leis que passaram com a minha proposta eu trouxe de volta muitas práticas exemplares de nossos ancestrais que estavam desaparecendo em nosso tempo, e de muitas

influência sobre homens poderosos, bem como por sua riqueza e inteligência. Em Deipnos., Ateneu, que foi um escritor grego da Roma Antiga diz que “agora não falo de moças tocadoras de flauta [...] que não contra a vontade, por um pagamento adequado, suportaram o amor de homens vulgares; mas eu tenho falado de *hetærae* profissionais regulares – isto é, daquelas que são capazes de preservar uma amizade livre de trapaças.” (Deipnos., 13.28).

¹⁰ As Leis Augustas sobre o casamento são de extrema importância para se pensar sobre temas como castidade e respeitabilidade em relação à mulher romana. As reformas no *corpus* jurídico estavam relacionadas ao adultério e estupro, mas também às vestimentas, que passaram por um processo de regulamentação para sinalizar o status legal e a classe de uma mulher. Por exemplo, mulheres que foram condenadas pelo crime de adultério eram obrigadas a vestir a *toga* como um símbolo de sua vergonha, e não eram mais elegíveis para utilizar o véu de casamento. No capítulo 2 deste trabalho irei tratar mais das leis e o ideal feminino em Roma.

¹¹ A cidadã romana da elite, uma vez casada, tornava-se uma matrona. Elas eram o ideal feminino, representadas como uma mulher modesta, leal e honrável.

¹² Inicialmente usada apenas por mulheres das famílias patrícias, a *stola* se tornou permitida para todas as esposas de cidadãos romanos após a Segunda Guerra Púnica. Era um longo vestido, sem mangas, em forma de tubo e de material bastante grosso, que caracterizava a matrona romana. Simbolizava sua respeitabilidade e caráter moral, especificamente castidade e fidelidade conjugal, enquanto seu comprimento e volume desviavam o olhar masculino e sinalizavam imunidade a abordagens impróprias e indesejadas. Era, portanto, uma vestimenta protetora. Para saber mais sobre as vestimentas do mundo antigo, recomendo Liza Cleland; Glenys Davies; Lloyd Llewellyn-Jones. *Greek and Roman Dress from A to Z*. London /New York: Routledge, 2007.

formas eu mesmo transmiti práticas louváveis para a posteridade pela imitação deles” (RGDA, 8.5).

Outrossim, tendo em vista o contexto cristão, faz-se necessário contextualizar a cidade de Corinto, pois é para lá que a carta de Paulo está endereçada. Essa cidade era uma colônia bastante cosmopolita, e sabe-se que nela havia um intercâmbio considerável entre elementos pagãos, judaicos e cristãos. Sua história está dividida em dois períodos, sendo conhecidos como a Corinto grega, datada desde os tempos gregos antigos até a sua destruição, em 146 AEC, e a Corinto romana, que vai desde a ocupação de Júlio César em 44 AEC, transformando-a em colônia, até o período bizantino. Sabendo disso, tendo em vista que Paulo ficou um tempo considerável nessa cidade entre 50 e 60 EC, o presente trabalho terá como base o contexto da Corinto romana (THOMPSON, 1988, p. 100).

Nesse sentido, a cidade era uma metrópole de pluralismo, uma vez que suas riquezas eram advindas do comércio e da enorme quantidade de cortesãs de Afrodite. A maior parte de seus habitantes eram veteranos de guerra e homens livres, ou seja, os cidadãos urbanos pobres de Roma. Os governantes e magistrados da cidade eram enviados da elite romana. Apesar da existência do passado grego na colônia, lembrado em alguns festivais, o elemento dominante da cidade era romano, representado principalmente por edifícios públicos na época da visita de Paulo (WU, 2020, pp. 45 e 91).

Os crentes de Corinto provavelmente foram influenciados pelos cultos pagãos antes de se converterem ao Cristianismo, uma vez que a maioria dos conversos eram gregos e romanos, apesar de existir alguns membros da comunidade que possuíam origem judaica¹³ (WU, 2020, p. 20). Assim, a escolha de pensar na influência romana, e não grega, no uso do véu nos escritos de Paulo se baseia em Gill (1990, p. 245) pois, segundo ele, para melhor entender o contexto cultural ou histórico dessas cartas, faz-se necessário lê-las no contexto de uma colônia romana, não de uma cidade grega, já que as instituições, procedimentos legais, costumes sociais, arquitetura e, até certo ponto, a linguagem deviam mais a Roma do que ao mundo grego.

Além disso, os romanos tinham uma noção mais simbólica das vestes do que os gregos, uma vez que

Os romanos desenvolveram uma fixação com roupas adequadas para ocasiões seculares e sagradas e, conseqüentemente, as roupas romanas são

¹³ Para saber mais sobre a formação da *ekklesia* em Corinto, recomendo Rongxi Wu. The Greeks and Romans as the Majority of Participants in the *ekklesia* at Corinth. In: *The Veil in Classical Antiquity: A Sociocultural and Exegetical Study of 1 Corinthians 11: 2-16*. Tese de doutorado. University of Sheffield, 2020, pp. 19-20.

muitas vezes mais simbólicas do que as vestes gregas. As roupas gregas tendiam a permanecer as mesmas para diferentes atividades, enquanto as vestimentas romanas eram trocadas em diferentes ocasiões (LLEWELLYN-JONES, 2003, p. 280)¹⁴.

Sendo assim, o presente trabalho irá discutir também sobre alguns ritos pagãos e como eles possivelmente influenciaram o uso do véu pelas cristãs primitivas, seja no processo de assimilação, atuando como um facilitador no processo de conversão, seja expurgando comportamentos considerados imorais que não se encaixavam dentro da proposta da nova religião.

Sobre a carta de Paulo, alguns autores como Swaggart (2015) e Segal (1990) acreditam que a prescrição do uso do véu seria apenas para comunidade de Corinto, devido à necessidade de diferenciar as mulheres respeitáveis daquelas promíscuas, não representando assim uma normativa para os demais cristãos.

Entretanto, pode-se inferir que o pedido do apóstolo se apresenta como uma regra para todas as comunidades cristãs, pois seu foco estava na cidade de Corinto devido às diferenças de costumes entre a Corinto greco-romana e as comunidades com as quais Paulo estava mais habituado, onde o uso do véu era mais comum¹⁵ (THOMPSON, 1988, p. 113). Além disso, o uso do véu não era apenas um costume cultural “pois, se assim o fosse, São Paulo não apontaria a observância de seu uso nas outras igrejas e a mesma não seria conservada pelos Pais da Igreja de diversos locais, tanto latinos como gregos, orientais e ocidentais, senão que somente em Corinto” (GONÇALVES, 2023, pp. 33–34).

Portanto, esse trabalho tem por objetivo compreender as relações entre o uso do véu, a cultura romana e o Cristianismo Primitivo, e como isso foi importante no processo de conversão de uma religião para outra por parte das mulheres. Desse modo, faz-se necessário entender o ideal feminino em Roma, além de outras influências, como a moda, a cultura pagã e judaica, que foram importantes dentro do contexto dos escritos paulinos, estes que inspiraram a tradição cristã do véu nos próximos séculos da Antiguidade, sendo transmitida por pensadores como Tertuliano, João Crisóstomo, entre outros.

¹⁴ Para ver mais, Llewellyn-Jones recomenda o livro Margarete Bieber; Felix Eckstein. *Entwicklungsgeschichte der griechischen Tracht: von der vorgriechischen Zeit bis zum Ausgang der Antike*. Berlin: Gebr. Mann, 1967.

¹⁵ As comunidades ao sul da Ásia Menor, Síria e Arábia são mais familiares a Paulo, e em Tarso, cidade onde nasceu, o velar-se completamente era um sinal aparente de respeitabilidade da mulher. Na Arábia romana pré-islâmica, o uso do véu por mulheres não-cristãs, cobrindo inclusive a face, é um costume que Paulo deve ter observado em sua estadia na Arábia, mencionada em Gal 1.

CAPÍTULO 1: Uma breve história do véu e seus simbolismos na Antiguidade

O uso do véu é uma prática milenar, e tal costume se perpetua em algumas sociedades até hoje, transitando aspectos culturais, religiosos e de tendências de moda. Segundo Heath (2008, p. 5), a ideia de se velar começou com a observação dos mistérios da natureza, como ao contemplar os eclipses do sol e da lua e as ondas do oceano.

Na Grécia Antiga, a deusa Nyx, “noite”, é representada com o seu véu obscuro sobre a Terra, enquanto Selene, que seria a personificação da Lua, surge usando um véu na iconografia mitológica. Nesse sentido, o ato de velar-se é em si mesmo um mistério pois, de certo modo, é estar escondido (HEATH, 2008, p. 6). Além disso, podemos perceber também a presença simbólica do véu no contexto filosófico dos pré-socráticos, especialmente no poema *Da Natureza*, de Parmênides, onde ele descreve:

O eixo silvava nos cubos como uma siringe, incandescendo ao ser movido pelas duas rodas que, com uma força vertiginosa, o impulsionavam de um lado a outro. Foi quando, apressadas, as jovens filhas do Sol vieram em meu auxílio, conduzindo-me de volta da região da Noite para a luz. Com mãos delicadas, elas levantaram os véus que ocultavam minha cabeça, libertando-a das sombras e trazendo-me à clareza do conhecimento (Da Nat., 1).

Neste contexto, a retirada do véu representa a transição do desconhecido ao conhecido, do obscuro para o iluminado, portanto, emerge como um símbolo de algo que encobre a verdade das coisas, e sua remoção, um ato de revelação e tomada de consciência para o que realmente são.

Dessa maneira, tendo em vista o estudo sobre este adereço e as limitações relacionadas a essa pesquisa¹⁶, sabe-se que já no terceiro milênio AEC encontraram esculturas em Mari representando mulheres com suas cabeças cobertas por um manto, e que o uso do véu teria sido bastante comum no norte e oeste da Mesopotâmia, já que as evidências mais antigas vem de Ebla e Mari, indicações que podem significar que o uso do véu originou-se na Antiga Síria (GALTER, 2021, p. 22). Nesse sentido, é possível inferir que essa vestimenta começou a se desenvolver no mundo do Antigo Oriente Próximo originalmente nas cerimônias de casamento¹⁷. Assim, a noiva tinha sua cabeça coberta apenas durante as bodas, e essa ação,

¹⁶ As principais fontes históricas acerca do véu são de objetos artísticos, como esculturas, pinturas, placas votivas, uma vez que os tecidos são materiais frágeis que se deterioram facilmente com o passar do tempo. Desse modo, na maioria dos casos as cores originais foram perdidas, dificultando o processo de distinguir diferentes estilos e, portanto, mesmo quando o véu é citado em escritos, não se sabe muito sobre sua aparência, tamanho ou uso.

¹⁷ Essa tradição remontaria aos costumes matrimoniais do primeiro milênio AEC. Segundo Sophie Démare-Lafont. “A cause des anges”: Le voile dans la culture juridique du Proche-Orient ancien. *Études de droit privé en souvenir de Maryse Carlin*. Paris: Editions La Mémoire du Droit, 2008, é possível deduzir esse fato

juntamente com o pagamento do presente nupcial, marcariam o casamento (DÉMARE-LAFONT, 2008, pp. 236 e 240). No entanto, é possível inferir que a partir do Império Assírio Médio¹⁸ esse acessório se tornou uma vestimenta comum para a mulher casada em seu cotidiano, pois é no século XIII AEC que se tem os primeiros registros escritos acerca do véu, especificando normativas assírias acerca de quem deve ou não deve cobrir a cabeça em público (STOL, 2016, p. 26).

Nesse sentido, essas leis se restringiam às mulheres nobres, solicitando que elas não saíssem nas ruas públicas com a cabeça descoberta, enquanto o ato de velar-se era proibido para as mulheres comuns e prostitutas (RICKS, 2011, p. 346). Desse modo, o véu nessa circunstância tinha a função social de diferenciar as classes sociais e identificar as mulheres “respeitáveis”. Assim,

as mulheres se velavam na vida comum do dia a dia [...]. É bem concebível que mulheres na Assíria, Ebla e Aleppo, ou seja, no norte e noroeste, sempre andavam veladas após o casamento. Para a Assíria, isso parece mais provável por conta de um longo parágrafo nas leis da Assíria Média [...], que mostra que usar o véu na rua parece ter sido um privilégio, e a lei estabelecia quem tinha direito a isso ou não (STOL, 2016, p. 24).

Comportamento semelhante pode ser percebido na Antiga Mesopotâmia e nos Impérios Macedônio e Persa, onde mulheres da elite se cobriam como símbolo de respeitabilidade e prestígio (AHMED, 1992, p. 15). Para os sumérios e acádios, a autoridade era esperada do homem no matrimônio, enquanto a pureza, representada pelo uso do véu, é vista como uma característica desejada para as mulheres (STOL, 2016, p. 16).

Dessa maneira, o véu para os assírios era utilizado como um símbolo do elevado *status* social da mulher, já que a pessoa velada, seja esposa, concubina ou filha virgem era identificada visualmente como aquela que estava sob a proteção de um homem e, portanto, era inviolável. Por outro prisma, aquela que tinha sua cabeça descoberta era vista como desprotegida e vulnerável à importunação sexual de outros homens (LLEWELLYN-JONES, 2003, p. 125).

Ao cobrir a cabeça, a mulher mostra visivelmente que é “apropriada” e está sob a proteção de seu pai, uma vez que é ele que garante a virgindade da menina até transferi-la para seu marido. Assim, ao cobrir seus cabelos, a mulher indica que “seu campo fértil não está

tendo como base fontes da Anatólia e Síria dos sécs. XIX e XVIII AEC, cruzando com elementos conhecidos da Bíblia. Entretanto, ela não explicita quais são essas fontes.

¹⁸ O Império Assírio Médio perdurou do séc. XIV AEC até o séc. X AEC, e foi o primeiro período de ascendência da Assíria como um império, sendo marcado pelo desenvolvimento tecnológico, social e religioso.

livre para ser plantado; ele tem limites e pertence a um homem. Esses limites, assim como a terra, não podem ser transgredidos sem duras consequências” (DELANEY, 1995, p. 64).

Sendo assim, o exemplo assírio revelaria a importância que o véu adquiriu como uma evidência do *status* social da mulher, uma vez que “no início do segundo milênio, [o véu] materializou-se um momento de formação do matrimônio; alguns séculos depois, torna-se um a manifestação duradoura de um estatuto jurídico e de uma posição social¹⁹” (DÉMARE-LAFONT, 2008, p. 249). Na *Epopéia de Gilgamesh*, conto mesopotâmico épico considerado uma das obras literárias mais antigas do mundo, evidencia que as noivas utilizavam o véu, já que “Gilgamesh tocou o coração de Enkidu, mas ele já não batia; seus olhos também não tornaram a se abrir. Gilgamesh então cobriu o amigo com um véu, como o noivo cobre a noiva” (Gilg, 8.59). Desse modo, é possível perceber duas questões importantes: o véu era um elemento utilizado nos velórios, e as moças cobriam suas cabeças na cerimônia de bodas (STOL, 2016, p. 22).

No universo mitológico, o uso do véu pode ser evidenciado na Antiga Mesopotâmia, Península Ibérica e no mundo greco-romano ao analisar suas representações iconográficas. Ishtar, que representa uma divindade importante para os babilônios e assírios, assim como Ísis, deusa da fertilidade e maternidade para os egípcios e Astarte, protetora da sexualidade para os fenícios, frequentemente são retratadas veladas. Dessa forma, o véu pode ser considerado também uma afirmação da face, pois serve como uma expressão da cabeça e do cabelo, ocultando algo que deve estar reservado para o marido. Assim, as estátuas das deusas antigas sumérias, babilônicas, fenícias e egípcias eram frequentemente cobertas durante procissões nos dias sagrados, indicando um conhecimento divino profundamente escondido (HEATH, 2008, p. 8).

Nesse sentido, a deusa Ishtar, que os gregos sintetizaram como Afrodite e na Síria fenícia ficou conhecida como Astarte, era a divindade do amor, e seus templos eram frequentemente visitados por homens que tinham relações sexuais com suas sacerdotisas. Essas mulheres eram distinguidas das demais devido ao seu cabelo longo e solto, além de apresentar seus rostos descobertos, enquanto as moças de casas respeitáveis cobriam suas cabeças em público para evidenciar seu elevado *status* social (STEPHAN, 2008, p. 195).

¹⁹ As alusões ao uso do véu desapareceram no final do segundo milênio, tanto nas fontes jurídicas quanto epistolares, provavelmente devido ao fato do véu ter se instaurado na paisagem urbana cotidiana e, portanto, tornou-se um símbolo feminino que ninguém pensou em teorizar ou questionar naquela região e época.

Outrossim, durante o ritual do casamento, o ato de desvelar a noiva – prática comum até hoje – foi um elemento essencial para os antigos. O termo “conhecer”, bastante usado dentro do contexto bíblico para denotar relações sexuais provavelmente tem origem no costume do noivo levantar o véu de sua noiva para vê-la antes da consumação do casamento. Desse modo, a própria Bíblia diz que Rebeca se cobriu com véu quando viu seu futuro marido, Isaac, (Gn 24:65) pois tinha-se a ideia de que ver a face da noiva demandava um nível de intimidade com ela (STOL, 2016, p. 22).

Na cerimônia de bodas israelita-judaica antiga, desvelar a noiva se apresenta como um gesto simbólico onde o noivo toma posse da mulher como sua amante ou propriedade, sendo essa parte da cerimônia logo antes da consumação, onde o casal se torna uma só carne (RICKS, 2011, 348–349). Um exemplo interessante é o de Jacó, que na história bíblica se casa com a irmã da moça que ele realmente desejava, gerando um constrangimento com seu sogro Labão. Tendo pedido a mão de Raquel em casamento, depois de sete anos de trabalho lhe é dado Léa, e Jacó não havia percebido pois ela tinha sua face velada durante a cerimônia das bodas (Gn 29:26–27).

Um fato interessante é que a palavra hebraica para noiva ou nora, *kalah*, advém da raiz semítica²⁰ do verbo “cobrir” e, portanto, o ato de cobrir a face e a cabeça da mulher já seria o casamento em si, pois estaria incorporando a moça à família e à proteção do sogro. Além disso, ao ser separada do profano e consagrada, a noiva simbolicamente corresponde à vítima sacrificial, sendo o ritual marcado pelo fato de cobrir a cabeça (LEVINE, 1995, p. 100–101).

Nesse sentido, já no Talmude²¹ Babilônico é possível encontrar evidências sobre a importância das mulheres cobrirem suas cabeça, pois era considerado uma transgressão gravíssima a mulher casada sair em público com seus cabelos à mostra, e a infratora poderia ser rejeitada sem pagamento do seu contrato marital (SEBESTA; BONFANTE, 2001, p. 186). Assim, “as mulheres, como potenciais objetos de vergonha familiar por meio da sexualidade

²⁰ A raiz semítica se refere a uma família de línguas, como por exemplo o árabe, aramaico, hebraico, entre outras, e que provém de uma língua original comum.

²¹ O Talmude é um sumário oral das leis e tradições judaicas, sendo considerado, depois da Torah, o livro mais importante para os judeus. Seus textos foram extensivamente estudados nas academias de Jerusalém e Babilônia dos primeiros séculos da Era Comum, gerando duas versões diferentes, apesar de ambas discutirem sobre a Mishná (compilação de ensinamentos orais). O Talmude Babilônico é mais amplamente estudado pois é considerado mais elaborado que o de Jerusalém, uma vez que a Babilônia (atual Iraque) dos sécs. V e VI tinha uma situação econômica melhor e maior estabilidade política, possuindo um corpo escrito mais detalhado e com explicações mais profundas sobre a Mishná. Desse modo, apesar do Talmude de Jerusalém ter sido importante, seu impacto foi limitado nos séculos seguintes do Judaísmo. Para saber mais, recomendo Jacob Neusner. *The Talmud: What it is and what it Says*. Oxford: Rowman & Littlefield, 2006.

masculina predatória, precisavam de coberturas protetoras reais ou figurativas para sua honra, e o véu fornecia uma dessas barreiras” (KOSLIN, 2008, p. 160).

Na história bíblica de Susana, é possível perceber isto de forma mais clara. A narrativa conta sobre uma piedosa jovem que ao recusar os avanços sexuais de dois anciões amigos de seu marido, é acusada falsamente de atos libidinosos por eles. No julgamento, ela é apresentada velada para os juízes, mas “aqueles homens perversos mandaram tirar o véu para ficarem satisfeitos com sua beleza” (Dn 13:32). Dessa maneira, a esposa, ao se cobrir, fazia do véu um escudo contra o olhar tentador e a sedução exercida sobre os homens (DÉMARE-LAFONT, 2008, p. 236).

Apesar de não existir na Bíblia judaica uma passagem explícita sobre o uso do véu pelas mulheres, ela traz muitas associações do cabelo relacionadas à beleza e sedução. No Cânticos, o véu das mulheres é citado várias vezes, e o elogio à beleza da amada se dá louvando seus cabelos e olhos, “que seriam como pombas por detrás do véu” (Ct 4:1–3). Nessa conjuntura, os rabis se referiram a essa natureza sexualmente atraente do cabelo no Talmude, baseando-se nessas passagens do texto sagrado, e por isso os homens estariam proibidos de rezar diante do cabelo descoberto de uma mulher (GALTER, 2021, p. 46).

No caso contrário, a falta do cabelo significaria um elemento pouco sedutor e atraente. Em Dt 6:5, o texto explica algumas leis relacionadas à mulher cativa, que pede que a jovem raptada tenha seus cabelos raspados, provavelmente para reduzir sua capacidade de seduzir o seu captor. Desse modo, o homem que a raptou teria, depois de um mês, permissão para casar com ela, e a falta de cabelo significaria submissão ou luto (LEONE, 2009, p. 6).

Ainda no contexto bíblico, o profeta Isaías narra em seu texto sobre a filha da Babilônia, que iria sofrer várias desgraças, entre elas a remoção do seu véu: “Pegue o moinho e moa a farinha. Tire o véu, revele a cauda do vestido, descubra as pernas e atravesse os rios. Descubra sua nudez e sua vergonha será vista” (Is 47:2–3). Alguns capítulos antes, ele fala sobre as filhas de Zion, que se degradaram e por isso teriam um destino semelhante, pois o Senhor as despojaria de seus cabelos, tornando-as calvas e lhes tiraria o véu (Is 3:17–19).

Entretanto, faz-se necessário entender que o véu possui diferentes significados de acordo com o contexto que se apresenta. Por exemplo, na história bíblica de Tamar, a jovem seduz seu sogro Judá fingindo ser uma prostituta para lhe proporcionar uma descendência. Para isto, ela deixa suas roupas de viúva e coloca um véu que cobre seu rosto para consumir as relações com ele, uma vez que ao se velar, atrai o olhar (Gn 38:14 e 19). Judá não a reconhece, pois envia um servo para pagá-la como cortesã (Gn 38:20–23).

Dessa maneira, é possível inferir que a viúva poderia ter o rosto descoberto mantendo-se decente, enquanto a prostituta esconde o rosto enquanto atrai a atenção dos homens. O véu pode, portanto,

indicar que a mulher está reservada a um homem ou expressar exatamente a ideia oposta. Como o mesmo objeto simboliza a castidade ou a voluptuosidade, é a cor, o tecido ou o comprimento que nos permite saber com quem estamos lidando. Além disso, os estilos de vestuário variam consoante as regiões e os ambientes; o véu é uma questão típica da vida urbana. [...] Da mesma forma, Sara, embora casada com Abraão, não usa véu quando chega ao Egito: se sua beleza corre o risco de atrair a atenção do Faraó, é porque ela é visível a todos (Gn 12:11-20) [...] A regulamentação assíria sobre o uso do véu na rua, local de encontro e passagem, confirma o enquadramento urbano deste tema (DÉMARE-LAFONT, 2008, p. 237).

No mundo antigo, os templos e mistérios eram repletos de vestimentas especiais, círculos de oração, véus, que enriqueciam seus rituais. Para os judeus, o ato de cobrir a cabeça tem uma importância imensa, principalmente na questão da identidade com o manto usado pelo sumo sacerdote, além do próprio local sagrado. Assim, “o Templo era aqui considerado como uma pessoa, e o véu do templo como uma vestimenta que é usada como uma personificação do próprio santuário” (NIBLEY, 2002, pp. 26 e 39), e esse tecido que separa o templo seria a barreira que isolaria os fieis dos mistérios ocultos (RICKS, 2011, p. 352).

Na Grécia, tanto homens quanto mulheres se velavam, porém em circunstâncias diferentes. Enquanto cobrir a cabeça se apresentava como um elemento comum no cotidiano das mulheres, para os homens o véu era utilizado em tempos de crise, ou seja, quando a sua masculinidade estava prejudicada. Dessa forma, eles se velavam no momento da morte, para ocultar emoções ou esconder a perda da honra e a vergonha, separando simbolicamente o homem emocional do resto da sociedade, uma vez que quando a normalidade é restaurada, o véu é retirado (LLEWELLYN-JONES, 2003, p. 17). Ou seja, fora essas situações excepcionais, a maioria dos homens gregos ficavam com suas cabeças descobertas no cotidiano (LEVINE, 1995, p. 120).

Dessa maneira, é possível dizer que não só no período clássico, mas também nos tempos homéricos²² o uso do véu era bastante comum. Na literatura, o ato de cobrir a cabeça é um elemento bastante presente nas narrativas, como na *Ilíada*²³ e *Odisseia*²⁴, de Homero. Na

²² Os tempos homéricos, ou aquilo que o repertório homérico cobre, foi um conjunto narrativo referente a temas diversos do segundo milênio no mar Egeu da época das invasões gregas.

²³ “[...] E imediatamente ela se cobriu com linho brilhante e saiu de seu quarto, deixando cair lágrimas” (Il. 3.141).

²⁴ “Ela segurou o fino véu diante do rosto” (Od. 1.330; 16.416; 18.210); “A ninfa vestiu-se com um longo manto branco, finamente tecido e belo, e em volta da cintura ela colocou um belo cinto de ouro, e na cabeça um véu” (Od. 5.232); “A rainha estava com seu véu transparente diante da face” (Od. 21.65).

história, Penélope aparece diante dos seus pretendentes com sua face coberta (Od. 16.416) com seu véu *krēdemnon*²⁵, transmitindo a ideia de castidade (RICKS, 2011, p. 351).

Outrossim, o véu também se manifesta como uma forma de comportamento aprovado culturalmente e ritualizado. Nos sepultamentos, o ato de cobrir a cabeça demonstra uma certa identificação do enlutado com o morto, uma vez que o falecido também tem seu corpo – ou ossos – velados. (CAIRNS, 2002, p. 4)

Portanto, cobrir a cabeça pode ter um sentido ritualístico, principalmente no sentido de passagem de um estado de vida para outro, como também evidenciar o ciclo de vida da mulher. O ato de retirar o véu da noiva, conhecido como *anakalypetēria*, é um ritual bastante interessante, uma vez que o desvelamento público não era uma prática comum da mulher respeitável. Na cerimônia, a noiva é desvelada pela sua dama de honra, já que ela mesma é uma participante passiva do rito, além do gesto da retirada do véu evidenciar a sua vulnerabilidade (LLEWELLYN-JONES, 2003, pp. 101 e 110).

Assim, “o gesto de desvelar é estranho ao conceito grego de feminilidade, mas a ação de velar é fundamental para a construção da mulher civilizada e modesta” (LLEWELLYN-JONES, 2003, p. 110). É possível sugerir também que o *status* do homem não mudava tão significativamente quanto o da mulher, e as vestimentas do noivo eram menos significativas pois raramente eram representadas ou descritas, já que o foco do casamento era a noiva e o rito de passagem de virgem para mulher casada. Desse modo, a atenção se dava às virtudes da futura esposa, entre elas a modéstia (HERSCH, 2021, p. 3 e 27).

Nesse sentido, a cabeça coberta da noiva pode ser associada ao uso do véu na iniciação mística, onde a separação tem um significado supremo do gesto, como uma marca pura dessa diferença de identidade e de status do indivíduo em relação ao grupo. Inclusive, o véu também auxiliaria na desorientação do iniciando, podendo evidenciar a passagem da ignorância para o conhecimento, ou seja, a revelação (CAIRNS, 2002, pp. 5 e 17).

Nessa conjuntura, o rito cerimonial do casamento grego simbolizava também a purificação do corpo feminino, uma vez que ele é “perigoso”. Para evitar a transgressão dos limites, muitas medidas foram tomadas, como a restrição de certas roupas para as mulheres.

²⁵ As três principais palavras gregas para véu são *krēdemnon*, *kaluptrē* e *kalumma*. Enquanto as duas últimas têm a noção de cobrir, envolver algo, a primeira mantém a ideia de faixa de cabelo que é colocada sobre a cabeça, não amarrada. O *krēdemon*, conhecido como o véu da mulher casada, se tornou matéria de atenção por estudiosos pagãos e cristãos no final do Império Romano, pois estavam profundamente interessados em examinar exemplos antigos de véu como condicionadores do correto comportamento feminino. Para saber mais, recomendo o capítulo 2 de Lloyd Llewellyn-Jones. *Aphrodite's Tortoise: The Veiled Woman of Ancient Greece*. Swansea: Classical Press of Wales, 2003, pp. 23–39.

Além disso, os antigos gregos também acreditavam que as mulheres eram mais suscetíveis à influência do seu entorno, ou seja, as distrações do cotidiano poderiam despertar as emoções femininas e, portanto, ela deveria ser velada (WU, 2021, p. 79).

Logo, o véu utilizado pela noiva significaria a menina transformando seu estado natural de rudeza para a utilidade, uma vez que o “adorno na cabeça é crucial para a honra feminina, um índice de pureza sexual e status civilizado” (WU, 2021, pp. 57–58). Desse modo,

Na cultura grega antiga acreditava-se que as mulheres tinham uma tendência a se moverem através das fronteiras sociais no sentido de que eram incapazes de controlar suas emoções e proteger sua sexualidade. [...] O véu funciona como um meio das fronteiras sociais que restringem sua atividade e protegem sua sexualidade de qualquer violência. Ele simboliza a honra feminina, que está ligada à honra do parente masculino. O que uma mulher poderia usar na cultura do véu do mundo grego não era tão simples quanto uma escolha pessoal, mas estava conectado com a ordem social (WU, 2021, p. 64).

As cerimônias de casamento romanas também privilegiavam o velar-se. Etimologicamente, a palavra latina *nubere*, que significa “casar-se”, também tem o sentido de “velar a si mesmo”. De acordo com o OLD (p. 1199), *nubo* é provavelmente o cognato de *nubes* (nuvem). Por isso, quando a mulher se torna casada (*nubere*), é necessário que ela se cubra, “nublado” sua cabeça ritualmente (LEVINE, 1995, p. 100)

A noiva romana usava um manto sob a sua cabeça como um véu, que era denominado *flammeum*, da cor descrita como o “relâmpago de Júpiter”, em um tom entre o amarelo e o vermelho (cor de chama, de gema de ovo). Esse modelo de véu era utilizado pela *flaminica Dialis*²⁶, e significava bom presságio para o casamento. Além disso, durante o período republicano e imperial, a noiva tinha em seus cabelos um penteado com seis tranças em formato de uma coroa, que também era usado pelas virgens vestais²⁷, simbolizando a virtude da castidade (LLEWELLYN-JONES; DAVIES; CLELAND, 2007, p. 24).

Desse modo, as vestimentas possuíam um simbolismo importante nos rituais de iniciação, principalmente nos cultos de mistério, pois o indivíduo se transformava de um estado para outro, realizando uma transição – como o caso da noiva, deixando o *status* de solteira para o de casada. O véu era um elemento bastante utilizado nesses ritos como, por

²⁶ A *flaminica Dialis* era a esposa do sacerdote *flamen Dialis* (sacerdote de Júpiter) e sacerdotisa desse mesmo deus. O casamento deles era considerado indissolúvel, e caso ela morresse, seu marido deveria renunciar ao sacerdócio. O véu que ela utilizava representava fecundidade e seu estado perpétuo de casada.

²⁷ As *virgo vestalis* eram sacerdotisas da deusa Vesta, e eram responsáveis por zelar pelo fogo sagrado e seu templo. Elas eram escolhidas por volta dos seis anos de idade, e deveriam servir ao sacerdócio durante trinta anos, mantendo a castidade durante esse período. Caso ocorresse um atentado à sua pureza, elas eram julgadas e, se culpadas, punidas com a morte.

exemplo, o “iniciado Héraclès presta homenagem à dor de Deméter sentando-se passivamente em um banco baixo, sua cabeça velada em uma dobra profunda de seu *himation*²⁸” (LLEWELLYN-JONES; DAVIES; CLELAND, 2007, p. 96).

Nesse sentido, aqueles que tinham um papel ativo no culto de sacrifício, como os sacerdotes, velavam suas cabeças quando iam adorar os deuses (GILL, 1990, p. 268), mas na presença de magistrados e homens de honra, desvelavam-se. Segundo Dionísio de Halicarnasso, o hábito de se velar diante das divindades tem como base a história de Enéias, pois quando este estava realizando sacrifícios aos deuses, apareceu seu inimigo. Para evitar como mau presságio a visão do adversário, ele se velou e terminou o que estava fazendo. Coincidentemente, tudo o que ele havia pedido foi atendido, e por isso ele observou esse costume e o passou adiante para as gerações posteriores (Antig. Rom., 12.16.2). Um outro fator interessante é que na adoração ao deus Saturno os homens não cobriam suas cabeças, e Plutarco justifica essa prática explicando que o culto a essa divindade era anterior ao episódio de Eneias, por isso eles observavam um costume diferente (Ques. Rom., 11)

Sendo assim, originalmente o ato de se velar não tinha o objetivo de honrar os deuses, mas sim de proteger o fiel do olhar do inimigo. Posteriormente, o véu também vai assumir um outro simbolismo, onde o objetivo é evitar a distração do adorador, a fim de que ele não desvirtue seu olhar do objeto adorado, pois “o véu não foi criado para desviar a atenção de espectadores estranhos, mas para criar uma cortina sagrada e prestigiosa ao redor do adorador” (LEONE, 2007, p. 4).

Para Plutarco, os homens descobriam suas cabeças diante de homens de honra para evitar o ciúmes dos deuses, a fim de que eles não pareçam estar competindo em honras com as divindades. Assim, quando em culto, os homens velavam suas cabeças “como precaução para que nenhum som mal-afortunado e sinistro de fora os alcançasse enquanto oravam” (Ques. Rom., 10).

Fora do ambiente dos ritos e do mistério, a vida cotidiana de Roma também era repleta pelo simbolismo do véu. Os homens ficavam no geral com a cabeça descoberta, mas as mulheres, principalmente as matronas, velavam suas cabeças com a *palla*²⁹ durante o período Imperial quando em público. Entretanto, vale ressaltar que elas não eram obrigadas a isso,

²⁸ *Himation* é considerado um termo geral para roupa, sendo basicamente uma versão simplificada de uma túnica (como aquelas que retratam Cristo na arte Cristã Primitiva). Assim, muitas mulheres pegavam uma parte do tecido e o utilizavam como véu. Para saber mais sobre as vestimentas do mundo antigo, sugiro Liza Cleland; Glenys Davies; Lloyd Llewellyn-Jones. *Greek and Roman Dress from A to Z*. London /New York: Routledge, 2007.

²⁹ A *palla* era um tecido de lã, linho ou seda que era drapeado, e poderia ser usado como um véu.

mas a maioria observava esse costume pela questão do *status* social (LLEWELLYN-JONES; DAVIES; CLELAND, 2007, p. 205). Segundo Fantham (2008, p. 163), as coberturas da cabeça das mulheres eram pouco citadas, provavelmente porque estavam bastante incorporadas ao dia a dia, algo como o anel de casamento das mulheres modernas, mas Wu (2021, p. 123) afirma que o costume do véu fora da vida privada pelas romanas não era tão forte como para as gregas.

Outrossim, os cristãos também observaram o costume do véu para as suas mulheres, uma vez que, como visto acima, era uma prática bastante difundida em diversas culturas, e que certamente os influenciaram, seja para incorporar as virtudes ou se diferenciar daquilo que consideravam errado³⁰.

Desse modo, Paulo de Tarso, em uma de suas cartas à comunidade de Corinto, fala sobre o véu e o seu uso na assembleia, uma vez que

toda mulher que ora ou profetiza, não tendo coberta a cabeça, falta ao respeito ao seu senhor, porque é como se estivesse rapada. Se uma mulher não se cobre com um véu, então corte o cabelo. Ora, se é vergonhoso para a mulher ter os cabelos cortados ou a cabeça rapada, então que se cubra com um véu (1 Cor, 11:5–6).

Nesse sentido, são esses escritos que vão basear toda a discussão posterior acerca do cobrir – ou não – a cabeça durante o culto cristão. É interessante também notar as interseccionalidades no texto, pois no mesmo capítulo Paulo afirma que é “natural” para a mulher usar cabelo comprido, pois evidenciaria a beleza feminina, enquanto isso seria uma vergonha para o homem (1 Cor 11:14–15). Assim, essa ideia de “natureza” também está presente em Plutarco, pois o mesmo dizia que quando uma desfortuna assolava a Grécia, as mulheres cortavam seus cabelos e os homens os deixavam longos, uma vez que “é natural para o homem ter seu cabelo cortado e a mulher deixá-lo crescer” (Ques. Rom., 14).

Na *Didascalia*³¹, o capítulo 3, que é dedicado à doutrina cristã acerca da mulher, fala sobre as qualidades que a esposa deve ter, entre elas a fidelidade e a modéstia. Dessa maneira, é sugerido que a mulher, ao ir ao mercado, ou seja, a um local público, que cubra sua cabeça com o véu, a fim de velar sua beleza (*Didasc.*, 3.7b).

³⁰ No terceiro capítulo deste trabalho, irei falar sobre os esforços de Paulo nesse processo de assimilação do véu na cultura cristã e como alguns autores cristãos posteriores lidaram com essa problemática.

³¹ *Didascalia Apostolorum* significa “ensinamentos dos apóstolos”, e é um tratado legal que aborda algumas questões relacionadas à vida cristã dos primeiros séculos. Atribuída sua autoria aos doze apóstolos, os estudiosos sugerem que provavelmente foi escrita por um bispo de nome desconhecido na Síria entre os sécs. III e IV EC.

Posteriormente, Hipólito de Roma, teólogo do século III, diz que as fiéis, quando estão escutando a Palavra na igreja, devem cobrir a cabeça com um manto (Trad. Apos., 1.40). Clemente de Alexandria, que foi um escritor, teólogo e apologista cristão nascido em meados do séc. II EC, fala em sua obra *O Pedagogo* sobre o uso do véu pelas mulheres na assembleia, explicando acerca da importância da modéstia nesse ambiente, já que

A mulher e o homem devem ir decentemente vestidos à Igreja, com passo natural, saudando-se com grande reserva, cheios de «sincera caridade», puros de corpo e de alma, dispostos a orar a Deus. Que a mulher, ademais, observe isto: vá sempre com véu, exceto quando está em casa, pois sua figura deve ser respeitável e inacessível aos olhares. Com a vergonha e véu diante de seus olhos não se extraviará jamais, nem incitará outro a cair no pecado, por desnudar seu rosto. Sim, esta é a vontade do Logos: é muito conveniente que ore coberta. Diz-se da mulher de Enéias que, por sua grande modéstia, não se descobriu nem mesmo quando foi presa de medo na toma de Tróia, e que, enquanto fugia do incêndio, permaneceu coberta (Pedag., 11).

Nesse caso, é interessante ressaltar que o escritor cristão utiliza um mito de origem greco-romana e, portanto, pagão, para reafirmar a ideia de modéstia e ideal feminino para as cristãs, que faziam parte do público alvo ao qual ele se dirigia.

Portanto, é nítido que o véu foi um elemento importante nas sociedades citadas, seja no ambiente sacro quanto no ambiente secular. Apesar dele ser usado em alguns casos específicos pelos homens, sua proeminência se deu com as mulheres, transitando entre a literatura e as leis, e servindo como um sinal de passagem. Por isso, o ato de cobrir a cabeça é repleto de significados que irão influenciar a tradição do véu no Cristianismo.

CAPÍTULO 2: A mulher velada: O ideal feminino em Roma

A história do véu é repleta de simbolismos e significados que transcendem questões materialistas, como vimos anteriormente. Sabendo disso, faz-se necessário compreender o contexto romano do uso do véu para melhor entender como ele influenciou essa prática entre as cristãs dos primeiros séculos.

Desse modo, conforme visto no capítulo 1, as mulheres romanas tinham o costume de utilizar coberturas sobre a cabeça, seja nos eventos ritualísticos, como o casamento, ou nos locais públicos, a fim de representar certas virtudes. Os diferentes tipos de véu indicavam o *status* cívico da mulher, simbolizando a respeitabilidade dela, pois a “prática do véu entre as mulheres romanas foi um importante componente de seu lugar na ordem social” (WU, 2021, p. 118).

Dentro do contexto religioso, o véu se apresentava como um elemento importante no culto feminino. Em sua obra *Sobre a Língua Latina*, Marcos Varro (116–27 AEC), filósofo romano, observa que “de acordo com o rito romano, quando as mulheres fazem um sacrifício, elas velam suas cabeças” (Sobre a Ling. Lat., 5.130). Nesse sentido, era esperado que as mulheres cobrissem suas cabeças durante as cerimônias (LLEWELLYN-JONES, 2003, p. 280) pois Juvenal, poeta e retórico romano, em sua *Sátiras*, narra o caso de uma aristocrata que estava diante do altar e, “pensando não ser uma desgraça, desvelou-se diante do harpista, [...] e empalideceu quando o cordeiro foi aberto” (Sát., 6. 390–2).

Para as mulheres de classes mais baixas, a *vittae* era um símbolo precioso que as protegia de possíveis abusos. Em algumas estátuas funerárias de escravas libertas do final do primeiro século da EC foram encontradas representações femininas utilizando esse acessório (FANTHAM, 2008, p. 167).

Nesse sentido, Valério Máximo, escritor romano da era Augusta³², cita a história de Sulpicius Gallus, eleito cônsul em 166 AEC, que se divorciou de sua mulher. O motivo alegado foi que ela havia saído de casa com a cabeça descoberta gerando, portanto, vergonha para o seu marido. Valério considerou uma sentença dura, mas que fazia sentido de acordo com a norma da época, já que Sulpicius disse à ex-esposa que a lei

³² O período conhecido como Era Augusta é marcado pelo governo de Augusto (27 AEC–14 EC). Ele estabeleceu o Principado e transformou Roma de República em Império.

te restringe a não ter nenhum outro juiz de sua beleza que não os meus olhos; por eles [meus olhos] somente, se adorne e seja justa, acreditando em seus julgamentos [dos olhos]. Qualquer outra visão sobre você, onde for desnecessária, deve ser considerada como imprópria e suspeita (Ações e Prov. Mem., 6.3.10)³³.

Tal episódio é interessante para refletir sobre o uso do véu pelas mulheres sob o olhar masculino. Apesar de Valério acreditar que o acontecimento narrado representava um caso extremo, ainda assim ele o via como justo, uma vez que na visão do marido, a cabeça exposta da mulher estaria convidando e provocando o olhar de outros homens. Para D'Angelo (1995, p. 142), ao desvelar-se, a mulher estaria anunciando sua disponibilidade sexual, usurpando portanto a iniciativa masculina. Além disso, o véu também poderia significar a autoridade do marido sobre sua mulher, e por isso seria tão grave a sua falta quando em público, pois revelaria que a esposa estaria de certo modo desprezando o casamento (SEBESTA, 2001, p. 48).

Outrossim, vale ressaltar o contexto no qual Valério escreveu esse texto, já que foi redigido durante o governo do imperador Tibério³⁴ e provavelmente dirigido a ele. Desse modo, o autor busca enaltecer as tradições romanas, evidenciando ensinamentos morais através da narração de vícios e virtudes e a importância dessa herança transmitida pelos seus ancestrais (WU, 2021, p. 111).

A matrona romana representava o ideal feminino, e ela utilizava acessórios que a distinguiam das demais mulheres, que serviam também como uma forma visível de proteção devido ao seu *status* social. Dessa maneira, sendo a matrona a guardiã das virtudes da castidade e pureza, suas vestimentas serviam como escudo físico e moral contra os olhares masculinos (EDMONSON, 2008, p. 24).

Nesse sentido, o corpo feminino servia como um símbolo coletivo que separaria determinado grupo dos “estranhos”, e por isso a castidade das mulheres representaria uma forma de proteção contra a invasão de desconhecidos, já que “as sociedades que consideram importante manter o seu isolamento também protegem as suas [fronteiras culturais] contra a

³³ Em suas *Questões Romanas*, Plutarco fala sobre esse mesmo episódio, porém de uma forma contraditória, pois diz que Sulpicius havia se divorciado por sua mulher ter saído velada em público (Quest. Rom., 14). Entretanto, vários estudiosos afirmam que na verdade Plutarco se confundiu, e o sentido da frase era o mesmo que o proposto por Valério Máximo. A expressão latina *capite aperto* (com a cabeça descoberta) é similar foneticamente à *capite operto*, mas apresentam sentidos opostos. Além disso, provavelmente a fonte de Plutarco foi o próprio texto escrito de Valério, que ele teria entendido errado pois o contexto social mostra que a história narrada por Máximo seria a mais razoável.

³⁴ Tibério foi imperador romano de 14 a 37 EC, sendo o segundo governante da dinastia júlio-claudiana, após suceder seu padrastrô Augusto.

intrusão e a contaminação” (HIGHWATER, 1991, pp. 20–21). Por isso, a matrona ideal deveria ser como a própria cidade de Roma, ou seja, impenetrável para possíveis invasores (LEVINE, 1995, p. 102).

Dessa maneira, existiam certas virtudes tradicionais que eram atribuídas à mulher romana ideal, como a *modestia*, *castitas*, *pudicitia*, *frugalitas*, *obsequium* e *pietas*³⁵, e que eram expressadas nas esculturas através das túnicas, da *palla* e, no caso da matrona, pelo símbolo da *stola*, mas também essa lista de qualidades femininas eram encontradas nos túmulos romanos (HEMELRIJK, 2020, p. 15). Inclusive, na pintura de retratos era comum que um véu fosse erguido diante do rosto da noiva, sendo essa prática denominada como “gesto de *pudicitia*”, pois significava castidade nas artes plásticas (LEVINE, 1995, p. 115).

Sob esse viés, a moral sexual era um elemento importante para a sociedade romana, e por isso a *pudicitia* é uma chave ética interessante para analisar como eles pensavam sobre os princípios morais, pois se apresentava de diversas maneiras, seja como uma virtude cívica, estado psicológico, estado físico ou até com uma divindade.

Nesse sentido, a *pudicitia* pode ser definida como uma virtude moral relacionada à regulação do comportamento relativo às questões sexuais, e por isso estaria associada “à vergonha e à consciência dos limites sociais, à honra e à bravura, à reputação, ao patriotismo, ao autocontrole, à autoridade paternalista³⁶ sobre a vida sexual de outras pessoas, à vulnerabilidade pessoal e muito mais” (LANGLANDS, 2006, p. 32).

Ela pode ser interpretada como integridade, modéstia e pureza sexual, e tinha significados diferentes para homens e mulheres. No universo feminino, a *pudicitia* era manifestada quando a mulher se abstinha de relações sexuais antes do casamento, e após o rito das bodas, era esperado que se mantesse fiel ao seu marido. Para os homens, a virtude era representada através do domínio nas relações sexuais, pois era esperado do homem romano um papel ativo (LEE, 2023, p. 10).

Dessa maneira, ela também pode ser considerada um conceito característico romano, pois

³⁵ Respectivamente, essas virtudes significam modéstia, castidade, pureza sexual, frugalidade (moderação), complacência e piedade (obediência).

³⁶ Essa autoridade paternalista pode ser pensada como a figura do *pater familias*, que era o responsável pela família.

não há um equivalente grego antigo direto, ao contrário de muitos conceitos morais romanos, por isso se desenvolve separadamente da tradição filosófica grega, embora relacionado aos conceitos gregos de *sophrosyne* (autocontrole) e *aidos* (vergonha). De fato, [...] [a *pudicitia*] está no cerne das ideias romanas sobre o desenvolvimento da cidade e da cultura e é descrita por alguns autores como uma qualidade paradigmática romana (LANGLANDS, 2006, pp. 2–3).

Nessa conjuntura, algumas estátuas da deusa *Pudicitia* eram representadas utilizando véu e cobrindo a maior parte do seu corpo. Llewellyn-Jones (2003, p. 172) cita uma escultura dessa divindade localizada no Museu do Vaticano³⁷ que até a postura evidencia não só a modéstia, mas também um comportamento defensivo que de certo modo a protege dos olhares dirigidos à ela, uma vez que o véu está servindo como uma barreira. Vale ressaltar também que a existência dessas estátuas femininas em locais públicos se mostra como um comportamento anômalo, já que não era esperado que as mulheres dessa sociedade tivessem uma identidade pública.

Outrossim, as mulheres que participavam do culto dessa divindade eram as matronas que se casaram apenas uma única vez, e elas utilizavam a *stola* para se diferenciarem das demais da comunidade. Para aquelas que exibiam uma virtude extraordinária, era-se dada uma coroa (WU, 2021, pp. 109–110). É notável examinar que a ética e o divino se relacionavam na personificação da virtude em um deus, e juntamente com a representação física de esculturas, os conceitos mais abstratos se tornavam tangíveis, além de comunicar certos princípios sexuais para as mulheres. Tal processo de personificação permitiria que a deusa *Pudicitia* pudesse ser alcançada através de orações e possuir locais de moradia (santuários), recebendo assim sacrifícios e possibilitando a institucionalização do seu culto (LANGLANDS, 2006, pp. 25–26).

Ainda no contexto religioso, o uso do véu pelas virgens vestais estava também relacionado com a pureza sexual. Elas eram o símbolo da integridade romana e da fértil virtude, guardando a chama da deusa Vesta e por isso deveriam se manter invioladas, pois “em um sentido ritual, as Vestais eram Roma” (STAPLES, 1998, p. 130).

Em suas *Antiguidades Romanas*, Dionísio de Halicarnasso, historiador grego e crítico literário, conta que alguns acontecimentos ocorridos em um acampamento romano fizeram com que os intérpretes religiosos sugerissem que os deuses não estavam satisfeitos com o modo no qual os sacrifícios estavam sendo feitos. Dessa maneira, houve uma investigação

³⁷ Estátua velada da *Pudicitia*. Desenho linear da escultura romana em mármore baseada em um original grego por volta do ano 200 EC, Museo Chiaramonti Vaticano.

rigorosa e foi descoberto que uma das virgens que guardava o fogo sagrado, chamada Oppia, havia perdido a sua virgindade e estaria poluindo os ritos sagrados. Por conta disto, a *vittae* foi removida de sua cabeça, pois representava seu sacerdócio, e ela foi enterrada viva³⁸ dentro dos muros da cidade³⁹. Após isso, o autor relata que “então os sacrifícios e os augúrios se tornaram favoráveis, como se os deuses tivessem desistido de sua ira contra eles” (Antig. Rom., 8. 89. 4–5).

Vale ressaltar que nesta mesma parte Dionísio diz que ela havia sido violada por dois homens, que foram julgados, açoitados e mortos em seguida. Mesmo que o ato não tenha sido consensual, a virgem sofreu as consequências pois teve a sua *pudicitia* corrompida. Os romanos acreditavam que a impureza dessas mulheres poderia influenciar no bem-estar da sociedade, que dependia das virtudes delas, já que “a sorte do Estado era considerada também ligada à virgindade dessas sacerdotisas” (MONTERO, 1998, p. 87).

É possível relacionar tal acontecimento com a história de Lucrecia⁴⁰, que se tornou um símbolo ao se martirizar pela honra. Desse modo, é possível interpretar seu suicídio como um ato em nome da *pudicitia*, a fim de preservar sua dignidade moral. Ao se matar, a mulher mostraria um certo controle de sua própria vida, e manifestaria “a força moral interior para se proteger da *impudicitia*” (LANGLANDS, 2006, pp. 173–174).

Assim, Lucrecia é utilizada como um *exemplum*⁴¹, mostrando como as mulheres deveriam se comportar. É interessante perceber que ao idealizar a virtude e relacioná-la com o

³⁸ As virgens vestais eram sacerdotisas importantes para a religião romana, e por isso quando alguma tinha o voto de castidade quebrado, os métodos de execução eram diferentes. Na maior parte das vezes eram enterradas vivas com pão e água, a fim de que a ira dos deuses não caísse sobre os homens que a mataram, mas que se tivesse a impressão que elas mesmo escolheram esse destino.

³⁹ Mesmo sendo condenadas à morte, ainda assim as virgens vestais possuíam certos privilégios simbólicos. Havia uma norma em vigor, estabelecida na tábua X da Lei das Doze Tábuas que afirmava que ninguém poderia ser incinerado ou enterrado dentro dos limites da cidade. Entretanto, as Vestais eram a única categoria a qual era permitida tal prática.

⁴⁰ O estupro de Lucrecia marca tradicionalmente a passagem da Monarquia para a República Romana. Ela era uma nobre tida como virtuosa no período da República, que durante uma disputa entre aristocratas romanos para determinar qual esposa era mais exemplar, Lucrecia foi elogiada como a ideal, pois estava em casa cuidando dos afazeres domésticos e tecendo enquanto as outras estavam se divertindo à noite longe de seus lares. O filho do rei da época, Sexto Tarquínio, que estava entre os nobres que realizaram a disputa, cobiçou-a e decidiu invadir seu quarto quando o seu marido estivesse ausente. Assim, ele a intimidou com ameaças de violência e desonra, e depois se forçou sobre ela. Devastada com a vergonha, no dia seguinte Lucrecia chamou seu pai, marido e outros nobres para testemunhar o ocorrido, pedir por vingança e, declarando que a preferia morrer a viver na desonra, suicidou-se.

⁴¹ Um *exemplum* pode ser denominado como uma narrativa moralizante, que mesmo sem apresentar precisão histórica, pode se estruturar como um conto histórico. A história de Lucrecia é a mais conhecida e citada do tipo, pois foi transmitida para fins retóricos, educacionais e éticos. Para saber mais, recomendo o capítulo 3 de Adam Lee. *Political change in ancient Rome: the role of pudicitia and sophrosyne in Livy's and Cassius Dio's accounts on Lucretia*. Dissertação de Mestrado. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2023.

bem-estar de Roma, não é tanto a própria Lucrecia que interessa, mas sim a sua manifestada *pudicitia* (LEE, 2023, p. 38).

Como as mulheres estavam sob a responsabilidade legal e financeira de seus tutores masculinos, elas também representavam as qualidades virtuosas dos homens aos quais elas estavam relacionadas, já que elas eram vistas como agentes morais na cultura romana, e por isso deviam controlar os desejos que fossem contra a vontade do seus guardiões (LEE, 2023, p. 11).

Nessa conjuntura, sabendo que a moral possuía um importante papel para a sociedade, algumas leis romanas também refletiam essa condição. Desde as Leis das Doze Tábuas, que foram a primeira codificação escrita do direito romano, questões relacionadas ao adultério e ao mau comportamento feminino possuíam punições graves, uma vez que afetavam a integridade moral da família.

No início da República, a proteção da sexualidade feminina começava a partir da infância, e as crianças (tanto meninos quanto meninas) vestiam a *toga praetexta*⁴², que indicava a inviolabilidade de seus estados. Assim, a *praetexta* adornava as togas dos sacerdotes que presidiam os sacrifícios (*capite velato*⁴³), dos magistrados e também os véus das Virgens Vestais, significando que os indivíduos próximos não deveriam poluir a impassibilidade desses sujeitos por ações e palavras (SEBESTA, 1997, p. 532). No dia do seu casamento, a menina vestia uma túnica, evidenciando a transição da infância (*toga praetexta*) para a vida adulta (STAPLES, 1998, p. 89).

Entretanto, vale ressaltar que as matronas e mulheres respeitáveis não deveriam usar a toga, pois na mulher adulta representava um sinal de desgraça e promiscuidade, já que era permitido apenas quando criança⁴⁴. Essa vestimenta, quando usada no mundo feminino⁴⁵, era destinada às mulheres condenadas por adultério e às prostitutas. Tal visão pode ser explicada

⁴² A toga era um tecido drapeado ao redor do corpo, sendo considerado uma roupa tradicionalmente romana, que servia para distinguir os cidadãos dos não cidadãos. No caso da toga praetexta, ela apresenta uma borda arroxeadada que evidenciava a distinção social de quem a vestia. Para saber mais, recomendo o verbete *toga praetexta* de Liza Cleland; Glenys Davies; Lloyd Llewellyn-Jones. *Greek and Roman Dress from A to Z*. London and New York: Routledge, 2007, pp. 195-196.

⁴³ Os sacerdotes, quando em sacrifício, cobriam suas cabeças com a toga, demonstrando a virtude da piedade e distinguindo-se dos demais da comunidade. Tal prática irá influenciar na discussão de Paulo sobre cobrir ou não as cabeças dos homens na assembleia cristã, e isso será melhor discutido no capítulo 3 deste trabalho.

⁴⁴ Para saber mais sobre a *toga praetexta*, recomendo o capítulo 5 da parte B de Jan Radicke. *Roman Women's Dress: Literary Sources, Terminology, and Historical Development*, Berlin /Boston: De Gruyter, 2023.

⁴⁵ A exceção nesse caso são as Virgens Vestais, pois o uso da *toga praetexta* evidenciava o seu caráter diferenciado em relação a todas as outras mulheres, além do *status* moral superior.

pelo fato de que, quando a mulher utilizava a toga, ela estaria mais parecida com os homens e poderia estar querendo assumir as liberdades sexuais masculinas, o que não seria tolerável (LLEWELLYN-JONES; DAVIES; CLELAND, 2007, p. 194). Assim, Augusto torna a toga a vestimenta oficial do homem romano, e a *stola* e a *vittae* os sinais que distinguem as suas esposas, as matronas, das demais mulheres da sociedade (SEBESTA, 1997, p. 531).

Nesse sentido, muitos romanos do início da Era Imperial acreditavam que as virtudes da castidade e modéstia estavam acima de todas as outras durante o início da República, uma vez que para eles as mulheres da elite tinham a capacidade de elevar ou degradar a ordem moral e, conseqüentemente, a segurança do Estado. A história de Lucrecia mostra um comportamento diferenciado, pois

embora no final da República as mulheres da classe alta possam ter abandonado em grande parte a ocupação tradicional das esposas romanas, o biógrafo Suetônio Augusto, no entanto, a considerava um símbolo ainda potente da virtude e devoção de uma esposa à casa do marido, e ele [Augusto] exigiu que sua esposa, Lúvia, tecesse suas vestes para servir de exemplo para as outras esposas romanas (SEBESTA, 1997, p. 530).

Por isso, a moralidade pessoal e familiar das mulheres eram importantes para o desenvolvimento da República, já que serviam de exemplo, seja inspirando a prática de virtudes ou ilustrando as conseqüências dos vícios. Em um relevo funerário de Via Statilia, uma cidade próxima à Roma, a mulher é representada com véu, uma vez que ela representa o ideal republicano de feminilidade obediente (GILL, 1990, p. 253). A própria história de Lucrecia funcionaria como um ideal de *pudicitia* a ser seguido (CULHAM, 2014, pp. 127–128).

No entanto, no séc. I AEC, no final da República, apesar de existir esses modelos femininos, algumas mulheres nobres viviam repletas de luxúria, envolvendo-se em casos amorosos públicos. Assim, essas “novas mulheres”⁴⁶ negavam seus papéis tradicionais e buscavam prazer sexual fora do casamento, além de apresentarem comportamento escandaloso, como o uso de roupas indecentes, e esse contexto de imoralidade deve ter influenciado o sistema legislativo de Augusto (WU, 2021, pp. 120–121).

⁴⁶ As *novae feminae* eram as mulheres da elite romana que durante o final da República e o início do Império desafiavam as normas sociais e tinham uma vida regada de libertinagens. Elas eram descritas como vaidosas e extravagantes, recusando o ideal de matrona modesta e as virtudes da castidade e da *pudicitia*. Para saber mais, recomendo Bruce Winter. *Roman Wives, Roman Widows: The Appearance of New Women and the Pauline Communities*. Cambridge: Eerdmans Publishing, 2003.

Inclusive, tal cenário preocupou o Senado romano, e eles pediram para que Augusto tomasse providências para controlar o comportamento feminino. Cássio Dio (155–229 EC), historiador romano, escreve que

Enquanto isso, um clamor surgiu no senado sobre a conduta desordeira das mulheres e dos jovens, sendo isso alegado como uma razão para sua relutância em entrar na relação matrimonial; e quando o instaram a remediar também esse abuso, com alusões irônicas à sua própria intimidade com muitas mulheres, ele respondeu a princípio que as restrições mais necessárias haviam sido estabelecidas e que qualquer coisa além disso não poderia ser regulada por decreto de forma semelhante. Então, quando foi encurralado, ele disse: ‘Vocês mesmos devem admoestar e comandar suas esposas como desejarem; é isso que eu faço.’ Quando ouviram isso, eles o encheram de perguntas ainda mais, desejando saber quais eram as advertências que ele professava dar a Lúvia. Ele, portanto, embora com relutância, fez algumas observações sobre o traje das mulheres e seus outros adornos, sobre suas saídas e seu comportamento modesto, nem um pouco preocupado que suas ações não dessem crédito às suas palavras (His. Rom., 54.16.3–5).

Sob esse viés, no início do Império, criou-se a ideia de que a República havia caído devido a um espírito decadente e ganancioso, e por isso Augusto propôs restaurar as antigas tradições romanas e reorganizar o Estado. Para isso, ele estabeleceu um novo sistema legislativo (LEE, 2023, p. 50), que fez parte dessa nova engenharia social a fim de identificar claramente as classes na sociedade romana (WINTER, 2003, p. 5).

Ao olhar para um passado idealizado, a ideologia de Augusto utilizou mecanismos visuais, como a arte e as vestimentas para reviver o simbolismo do programa cultural republicano e restaurar a moralidade e a honra romanas (SEBESTA, 1997, pp. 537–538). Logo, questões que antes se restringiam à esfera privada agora faziam parte de um discurso público que exigia um comportamento adequado (AZEVEDO, 2017, p. 20).

Desse modo, faz-se necessário compreender que as leis e a sociedade não eram esferas separadas, mas se relacionavam entre si, já que aspectos importantes da comunidade romana eram construídos conscientemente dentro do direito (WINTER, 2003, p. 83). Posto isto, apesar de não haver leis explícitas obrigando que as matronas utilizassem certos tipos de roupa e acessórios, existia uma pressão para que a mulher fosse caracterizada de acordo com a sua categoria sexual⁴⁷ (mulher modesta, adúltera ou prostituta). Segundo Azevedo (2017, p. 110)

esta pressão poderia estar relacionada a prescrições legais que tiveram início com a ‘Lei Júlia sobre o adultério’ e seguiram passando por modificações durante todo o

⁴⁷ O paradoxo entre distinguir-se e agregar-se a outros grupos também será uma preocupação de Paulo para a comunidade cristã, e isso será abordado no capítulo 3 deste trabalho.

período imperial de Roma. Entretanto, importante ressaltar que McGinn⁴⁸ não afirma que a lei estabeleceu o uso da toga para prostitutas. O autor demonstra uma série de evidências que demonstram que adúlteras e prostitutas eram proibidas de usar a *stola*. A hipótese de McGinn é que esta proibição teria reforçado a pressão pela identificação das prostitutas e, conseqüentemente, teria intensificado o uso da toga entre prostitutas e mulheres adúlteras, agora proibidas de usar a *stola*.

Assim, Augusto utilizou da linguagem imagética para estabelecer as vestimentas romanas. A mulher deveria utilizar a *stola* branca sobre a túnica, juntamente com a *vittae* amarrada aos seus cabelos. No *Ara Pacis Augustae*⁴⁹, era possível perceber que os membros da família de Augusto, vestidos de *toga* e *stola*, serviam como modelos da família tradicional romana (SEBESTA, 1997, p. 531). Portanto, “o tema mais amplo do *Ara Pacis Augustae* afirma a conquista da paz de Augusto e da sua estabilidade social, que dependem sobre a conduta adequada das mulheres na vida doméstica e o incentivo da sexualidade produtiva” (D’AMBRA, 1993, pp. 89–90).

Dessa maneira, a *stola*, a *palla* e a *vittae* eram bastante usadas pelos retratos que representavam as familiares de Augusto no monumento do Ara Pacis, a fim de representarem um ideal de modéstia a ser seguido (SEBESTA, 1997, p. 537). A imperatriz romana, Lúvia Drusila, foi especialmente apresentada como a mulher ideal, e nas estátuas oficiais ela era representada com as vestes de uma matrona, com o seu corpo coberto pela *stola* (SEBESTA, 1997, p. 535). Portanto, Lúvia seria a Lucrecia que nunca precisou ser testada (D’AMBRA, 1993, p. 100).

Nas cenas de procissão presentes no monumento, a imperatriz apresenta sua cabeça coberta, evidenciando seu papel como sacrificadora (HUGHES, 2007, p. 229). Lúvia restaurou o santuário da *Pudicitia*, e elevou a deusa a uma das divindades responsáveis pela casa imperial. Por conta disso, ela seria associada a um modelo dessa virtude, sendo o culto desta divindade um veículo de fortalecimento à ideia de renovação moral (D’AMBRA, 1993, pp. 36 e 57). Sabendo da importância das vestimentas para simbolizar virtudes, “o véu, particularmente no período Augusto (27 AEC–14 EC), torna-se um símbolo de propriedade doméstica e conduta moral reta, especialmente para a elite aristocrática” (HUGHES, 2007, p. 220).

⁴⁸ A autora da citação fala deste autor para se referir à obra de Thomas McGinn. *Prostitution, Sexuality, and the Law in Ancient Rome*. Oxford: Oxford University Press, 1998. Nota minha.

⁴⁹ O Altar da Paz do Imperador Augusto, também conhecido como *Ara Pacis*, é um altar dedicado à deusa *Pax* (Paz), simbolizando o período de paz e prosperidade conhecido como *Pax Romana*. O monumento apresenta cenas de devoção, principalmente do Imperador e sua família, mas também pode ser interpretado como uma forma de propaganda, já que os retratos representam também ideais a serem seguidos.

Entretanto, vale ressaltar que existem algumas interpretações contrárias em relação à questão do véu e seu uso em Roma. Ao analisar diversas representações femininas, principalmente de escravas libertas durante o início da época imperial, Hughes (2007) conclui que muitas estatuárias femininas não foram representadas veladas, e que isso seria portanto um indicativo que o uso véu não era uma prática padrão entre as mulheres libertas. Segundo Llewellyn-Jones (2003, p. 280), a regra de cobrir a cabeça não era um costume tão comum entre as romanas, apesar de que as habitantes do Oriente grego seguiam as convenções locais. Para Fantham (2008, p. 167–168), os retratos de mulheres da elite usando a *vittae* no seu dia a dia são raros, inclusive nas representações oficiais de Lívía, apesar de que as imagens da classe média apresentam mais evidências.

Portanto, percebe-se que o véu é um acessório cultural que perpassa diversas esferas da sociedade, entre elas a questão moral. Ao se associar com a ideia da modéstia e *pudicitia*, esse tipo de vestimenta marcou papéis sociais, protegendo quem o utilizava ou deixando sinais claros de recusa dos princípios por quem o negava. Sabendo disso, tal prática irá influenciar nos escritos de Paulo e, conseqüentemente, na tradição cristã dos próximos séculos.

CAPÍTULO 3: Os esforços de Paulo para assimilar as virtudes e expungar os “vícios pagãos” do culto cristão

O véu apresenta um caráter diverso e significativo em muitas culturas, e por isso faz-se necessário compreender as questões associadas ao seu uso dentro do contexto do início do Cristianismo, e como elas estavam relacionadas a outras sociedades. Nesse sentido, o texto que será analisado neste terceiro capítulo terá como base o primeiro registro escrito cristão conhecido solicitando que as mulheres cubram as cabeças, que foi escrito por Paulo de Tarso para a comunidade cristã de Corinto e diz

Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões e por conservardes as tradições tais como vo-las transmiti. Quero, porém, que saibais que a cabeça de todo homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus. Todo homem que ore ou profetize com a cabeça coberta desonra a sua cabeça. Mas toda mulher que ore ou profetize com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça; é o mesmo que ter a cabeça raspada. Se a mulher não se cobre com véu, mande cortar os cabelos! Mas, se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou raspados, cubra a cabeça! Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher, do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem. Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos. Por conseguinte, a mulher é inseparável do homem e o homem da mulher, diante do Senhor. Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus. Julgai por vós mesmos: será conveniente que uma mulher ore a Deus sem estar coberta de véu? A natureza mesma não vos ensina que é desonroso para o homem trazer cabelos compridos, ao passo que, para a mulher, é glória ter longa cabeleira, porque a cabeleira lhe foi dada como véu? Se, no entanto, alguém quiser contestar, não temos este costume, nem tampouco as Igrejas de Deus (I Cor 11: 2–16)

Assim, é importante entender o contexto no qual Paulo escreve essa carta, uma vez que ele está preocupado com a conduta apropriada para o culto na assembleia (WU, 2021, p. 247). Tal pedido só pôde ser feito pois havia mulheres que estavam orando e profetizando com a cabeça descoberta e, segundo Winter (pp. 77 e 93), é possível que essas cristãs estivessem replicando as ações das “novas mulheres”, desafiando uma tradição coríntia e uma norma imperial.

Outra interpretação possível é que, tendo em vista o trecho de Gal 3:28, que diz que não existem mais distinções entre escravo e livre, nem entre homens e mulheres, pois já seriam todos um em Cristo, a comunidade de Corinto poderia estar buscando a transcendência dessas limitações e distinções corporais, ao uniformizar a forma de orar entre as mulheres e os homens. No entanto, Paulo reafirmaria essas diferenças pois exigiu que os cristãos

mantivessem o decoro adequado (BEDUHN, 1999, p. 316), levando em conta as questões relacionadas à sexualização do cabelo.

Dessa maneira, é nítido que Paulo buscava alinhar a comunidade cristã às normas sociais e legais do contexto romano, principalmente aquelas ligadas à moralidade e ao status social presentes na legislação de Augusto, que refletia a preocupação com a aparência exterior, como visto no capítulo 2 deste trabalho. A prescrição paulina de cobrir a cabeça com o véu não seria uma mera regra arbitrária, mas pode ser vista como uma resposta ao contexto cultural das “novas mulheres” (WINTER, 2003, p. 94), a fim de externalizar uma ideia de ordem e respeito dentro da assembleia, já que “Paulo está dizendo que assim como o cabelo longo da mulher é a ‘vontade da natureza’, a cobertura da cabeça da mulher é a ‘vontade da cultura’” (WU, 2020, p. 241).

É possível também interpretar tal pedido de cobrir-se enquanto a mulher ora ou profetiza como uma forma de evitar distrações (RICKS, p. 353), seja da própria pessoa velada ou dos demais fieis. Sabendo que consideravam o corpo feminino como mais propenso a ser influenciado pelas perturbações do mundo exterior, viam como necessário evitar o “despertar” dessas emoções, pois prejudicariam a capacidade da mulher de receber inspirações divinas (WU, 2020, p. 79). No caso dos outros companheiros de comunidade, acreditavam que ao remover o véu durante o culto, as mulheres estariam gerando uma potencial distração erótica para os homens (WU, 2020, p. 145). Essa funcionalidade do véu como um elemento que obstrui essa possível sedução está presente em outras culturas também, como vista no capítulo 1 deste trabalho.

Nesse sentido, a comunidade coríntia era uma comunidade nova, e Paulo buscava a unificação da assembleia recém-convertida (SEGAL, 1990, p. 150). Tendo em vista que o Cristianismo era uma religião emergente, fez-se necessário que sua inovação religiosa não fosse vista como associada à imoralidade, e por isso precisavam de uma reivindicação de autoridades antigas (D’ANGELO, p. 138) como, por exemplo, a cultura greco-romana e até outras, como vistas no capítulo 1 deste trabalho.

Desse modo, o pedido de Paulo para que as mulheres utilizassem o véu pode ser interpretado como uma forma das moças cristãs não serem confundidas com as prostitutas, as *hetarai* e as “novas mulheres”, uma vez que a cidade de Corinto era vista como um local bastante obscuro e imoral (GILL, 1990, p. 251). Apesar de não estarem utilizando a toga

como as prostitutas, elas estavam deliberadamente retirando o seu véu, o que poderia ser visto como uma ação promíscua. Mesmo que não se tenha evidências diretas sobre a recepção desta carta pelas mulheres cristãs coríntias, é provável que Paulo tenha tido o apoio de membros da congregação para fazer tal exortação, ou até que eles próprios a tenham pedido (D'ANGELO, 1995, p. 142)

Além disso, o véu também pode ser pensado como um elemento de inclusão. Sabendo que nem todos os membros da Igreja coríntia eram de status elevado, as escravas e prostitutas que faziam parte da emergente comunidade estariam impedidas de se velar de acordo com os costumes romanos. Por isso, é provável que alguns homens tenham tentado impor as convenções seculares a fim de que as mulheres mais pobres não cobrissem suas cabeças. Apesar que “tal prática do véu feminino na *ekklesia* poderia manter a ordem social e as distinções entre as classes sociais. [...] Paulo respeitava a honra e a pureza sexual de todas as mulheres na comunidade” (WU, 2021, p. 16).

Portanto, tendo em vista que a identidade cristã estava passando por um processo de consolidação, Paulo buscou preservar essa identidade emergente do risco de “contaminação” das outras culturas diferentes dela (LEONE, 2008, p. 277). Essa ideia se confirma com Segal (1990, p. 76), pois para ele as seitas que têm o princípio de conversão como essencial possuem como foco manter-se coesas ao enfatizar a diferença entre elas e os outros.

Entretanto, um fato interessante é que a advertência paulina para que as mulheres cubram a cabeça estava em harmonia com as práticas culturais greco-romanas, uma vez que a liturgia cristã, assim como o judaísmo e o paganismo, tinham a cabeça como culto (GONÇALVES, 2023, p. 19). A regulação das vestimentas utilizadas durante o culto não foi uma invenção de Paulo, mas já era uma prática comum entre os antigos (WINTER, 2003, p. 86).

Desse modo, nos ritos de sacrifício, as esposas romanas cobriam suas cabeças (WINTER, 2003, p. 90), e as cristãs também tinham seus cabelos velados (THOMPSON, 1988, p. 112). Inclusive, até a ideia do cabelo como cobertura estaria de acordo com convenções locais para deixá-lo preso (GALTER, 2021, p. 34).

Além disso, tendo em vista que “a maioria dos coríntios eram ex-gentios⁵⁰ com uma visão de mundo e atitude helenística” (WU, 2020, p. 20), percebe-se que o uso do véu pode

⁵⁰ A palavra gentios designa indivíduos que não são cristãos nem judeus, no ponto de vista de judeus e cristãos.

ser analisado como um facilitador nesse processo de conversão, já que como discutido anteriormente no capítulo 2, o véu se apresenta como um afirmador das virtudes morais relacionadas ao universo feminino.

Assim, as mulheres cristãs não poderiam se desviar da exigência do véu, pois isso tornava a sua religião atraente para os gentios (TARIQ, 2014, p. 499), já que a “variante do Judaísmo de Paulo (Cristianismo) é atrativa para o mundo gentio e ameaçadora para o mundo judeu [...], pois ele defende uma nova comunidade onde todas as divisões internas e externas são secundárias na fé” (SEGAL, 1990, pp. 143–145).

Tal ideia de uniformidade e harmonia dentro da assembleia está relacionada com a proibição de Paulo para que os homens não cubram suas cabeças durante o culto. Como visto no capítulo anterior, os altos sacerdotes romanos, quando presidiam um sacrifício, velavam suas cabeças, evidenciando o seu *status* diferenciado dos demais. O próprio Augusto foi representado com a *toga* na cabeça, evidenciando o seu papel como *pontifex maximus*⁵¹ (WU, 2020, p. 95). No contexto de Corinto, aqueles que se tornavam sacerdotes pagãos geralmente eram participantes da elite, e quando se convertiam para o Cristianismo, adotavam acessórios – como o véu – que chamavam atenção para a sua antiga posição social de prestígio, buscando serem honrados pelos fiéis presentes.

Portanto, ao observar este comportamento, Paulo procurou uniformizar a assembleia, mantendo os homens com a cabeça descoberta a fim de enfatizar a unidade da igreja. Na verdade, sabendo do costume romano de descobrir os cabelos quando na presença de magistrados ou pessoas de honra, é possível relacionar tal prática com o trecho que Paulo diz que a cabeça do homem é Cristo, pois esta prescrição, quando descumprida, traria desonra para Cristo e vergonha para os nobres coríntios (GILL, 1990, pp. 250–251).

Sob esse viés, Paulo pede que as mulheres cubram suas cabeças por causa dos anjos, mas vale a pena ressaltar que existem algumas interpretações⁵² sobre quem seriam essas figuras angélicas, uma vez que os anjos, como seres puramente espirituais, não possuem sexo, e por isso não poderiam ser seduzidos ao verem um cabelo descoberto. Desse modo, há uma

⁵¹ O pontífice máximo era o sacerdote que ocupava a mais alta posição religiosa da Roma Antiga, sendo o cargo supremo do colégio dos sacerdotes.

⁵² Para saber mais sobre as diferentes interpretações relacionadas à figura dos anjos em 1 Cor 11:10, ver Rongxi Wu. *The Veil in Classical Antiquity: A Sociocultural and Exegetical Study of 1 Corinthians 11:2-16*. Tese de doutorado. University of Sheffield, 2020, pp. 221–228. Recomendo também Jason David BeDuhn. “Because of the Angels”: Unveiling Paul’s Anthropology in 1 Corinthians 11. *Journal of Biblical Literature*, v. 118, n. 2, 1999, pp. 295–320.

possibilidade desses sujeitos serem mensageiros humanos (THOMPSON, 1988, p. 112) ou seja, espiões, uma vez que

No mundo romano, os cidadãos normalmente não adoravam deuses semanalmente como faziam os crentes em Cristo. Aos olhos das autoridades romanas, a assembleia de crentes poderia ter sido vista como uma atividade de uma associação na qual os membros estariam em parceria com um líder político. Isso representava uma ameaça potencial à ordem pública. Como tal, dado que um estranho poderia entrar na assembleia que era aberta a todos, são os mensageiros que parecem ser os ἀγγέλους mencionados por Paulo. Eles assistiriam à adoração dos crentes e relatariam ao remetente (WU, 2020, p. 223).

Nessa conjuntura, Paulo pede que as mulheres se cubram tendo em vista que o cabelo era um elemento bastante sexualizado nas sociedades clássicas, tentando retirar do Cristianismo emergente qualquer possibilidade de interpretação que o associe a uma religião desordenada, caótica e imoral, e talvez ele estivesse desconfortável com a “imagem sexual extravagante que as virgens desveladas representavam” (TARIQ, 2014, p. 498).

Pensar nas preocupações de Paulo relacionadas ao cabelo se faz necessário para melhor compreender o desenvolvimento do Cristianismo Primitivo, uma vez que na Antiguidade, as madeixas são um elemento significativo para os indivíduos, como pode ser evidenciado no trecho das *Metamorfoses*, de Apuleio, escritor e filósofo romano do séc. II EC. Segundo ele, o cabelo é a parte visível mais importante do corpo e portanto é aquilo que primeiramente capta nossa atenção; tanta é essa importância do cabelo que não importa o que a mulher esteja vestindo, seja coberta de joias ou luxo, ela não pode se dizer vestida se encontrar-se como cabelo desarrumado⁵³ (Metam., 2.9).

Ainda sobre a importância do cabelo na Antiguidade, de acordo com Hipócrates, importante médico grego do séc. V AEC, o sêmen ejetado durante a relação sexual iria até o cabelo das mulheres, mas caso o homem tivesse cabelo longo, o sêmen desviaria para a sua cabeça. Tal fato evidencia que o tamanho do cabelo do homem poderia afetar essa ordem da natureza. Tendo o cabelo um significado relacionado à genitália, a mulher, ao expor sua cabeça sem nenhuma forma de proteção, estaria atraindo sêmen e distraíndo os homens. Portanto, o cabelo feminino representa a sua glória, pois é isto que permite que ela seja fértil (TARIQ, 2014, pp. 500–501)

Sob esse viés, ao relacionar o uso do véu com as virtudes morais, como a *pudicitia*, a modéstia e a castidade, Paulo também pode ter evitado que certos vícios pagãos fossem

⁵³ *Tanta denique est capillamenti dignitas, ut quamvis auro, veste, gemmis, omnique cetero mundo exornata mulier incedat, tamen, nisi capillum distinxerit, ornata non possit audire.*

associados à nova religião, uma vez que existiam cultos que eram considerados impudicos e desordenados, já que

cabelo desgrenhado e cabeça jogada para trás eram típicos das mênades⁵⁴ no culto de Dionísio, no de Cibele, da Pítia em Delfos, da Sibila, e o cabelo solto era necessário para uma mulher para produzir um encantamento mágico eficaz. [...] Cabelo desalinhado e solto também era encontrado no culto de Ísis, que tinha um centro importante em Corinto. Por exemplo, diz-se que uma amiga do poeta Tibulo⁵⁵ tinha que soltar o cabelo duas vezes ao dia na adoração de Ísis para “dizer laudes”⁵⁶. Evidências arqueológicas também mostram que as devotas femininas de Ísis geralmente usavam cabelos longos “com uma faixa em volta da testa e cachos caindo sobre os ombros,” enquanto os iniciados masculinos tinham seus cabelos raspados. Daí a declaração sarcástica de Paulo de que as mulheres que soltam seus cabelos podem muito bem tê-los cortados ou raspados. É tão vergonhoso para uma mulher soltar seus cabelos quanto é raspá-los. [...] Para Paulo, a edificação da comunidade e a proclamação missionária inteligível, não o comportamento orgiástico, são os verdadeiros sinais do Espírito. Neste contexto, é compreensível por que Paulo insiste que as mulheres devem manter os cabelos presos. (SCHÜSSLER FIORENZA, 1994, pp. 227–228).

Assim, tendo em vista o contexto de tais celebrações, é possível que Paulo quisesse se afastar de qualquer aproximação a esses ritos pagãos devido aos significados que carregavam consigo. Por exemplo, os cultos dionisíacos eram, em sua maioria, exclusivos às mulheres, de caráter secreto e variado, e eram repletos de danças e episódios de alteração mental (RODRIGUES, 2022, pp. 9–10).

Nesse sentido, a história de Penteu pode ser relacionada à ideia de racionalidade versus desordem. Presente no texto *As Bacantes*, de Eurípides, tal narrativa descreve como o rei de Tebas, Penteu, que personificava a ordem e a autoridade se opôs ao culto de Dionísio e buscou reprimir os rituais das seguidoras desse deus, uma vez que temia que a harmonia social fosse afetada com essas celebrações imorais. As mulheres que participavam desses cultos, que ocorriam afastados dos centros das cidades, em florestas e zonas rurais, abandonavam seus papéis tradicionais no cuidado do lar e família e se juntavam a outras para viverem essa experiência de êxtase (Bac., 215–220; 345–350).

Ainda em *As Bacantes*, o autor narra sobre esses rituais e diz que nos meio das danças e gritos, as mulheres agitavam “nos ares a sua cabeleira macia” (Bac., 151), mostrando que durante essas celebrações, as fiéis tinham seus cabelos completamente soltos. Esses

⁵⁴ As mênades, ou bacantes, eram as seguidoras do deus Dionísio (ou Baco, na mitologia romana). Geralmente eram representadas com os cabelos desarrumados e vestidas de pele de animal, evidenciando o caráter selvagem dos cultos dionisíacos.

⁵⁵ Álbio Tibulo foi um poeta romano (54–19 AEC).

⁵⁶ A palavra *laudes* significa em latim “louvores”.

comportamentos representavam condutas que Paulo buscava se afastar, pois eram contrários à ordem e harmonia da assembleia que ele pretendia alcançar.

Nessa conjuntura, é possível pensar no uso do véu pelas cristãs na igreja como uma assimilação das virtudes romanas associadas à cobertura dos cabelos, ao mesmo tempo que expurgava a noção de desordem gerada por certos cultos pagãos, pois estavam vinculados à agitação e indisciplina.

Desse modo, o ato de cobrir a cabeça repercutiu no contexto do Cristianismo Primitivo, como é notório nos textos de escritores posteriores a Paulo. Tertuliano, um dos padres latinos do séc. II, trata de alguns problemas que estavam em voga na época, como a questão se somente as mulheres casadas deveriam usar o véu ou a virgens também. Para ele, a solução está no fato de que “se o homem é cabeça da mulher, é claro que (ele é) da virgem também, de quem vem a mulher que se casou; a menos que a virgem seja uma terceira classe genérica, alguma monstruosidade com uma cabeça própria” (Sobre o Véu das Virg., 7).

Para incentivar que as moças virgens seguissem a prescrição do uso do véu, ele diz “cubra sua cabeça: se mãe, por causa de seus filhos; se irmã, por causa de seus irmãos; se filha, por causa de seus pais. Todas as idades estão em perigo em sua pessoa. Vista a panóplia⁵⁷ da modéstia; cerque-se da paliçada⁵⁸ da timidez; erga uma muralha para seu sexo, que não deve permitir que seus próprios olhos saiam nem entrem nos de outras pessoas” (Sobre o Véu das Virg., 16). Assim, a mulher virgem deve se cobrir por conta dos olhares dos homens, independentemente se ela é casada ou não, pois o perigo da sedução afeta até mesmo seus familiares.

Em meados do séc. IV, João Crisóstomo emergiu como uma figura importante para a Cristandade, e sua influência é notória até hoje, pois no séc. XVI foi proclamado Doutor da Igreja. Em sua *Homilia XXVI*, ele discute os argumentos propostos por Paulo em 1 Cor 11. Nela, Crisóstomo analisa o texto versículo por versículo, e sua análise sobre alguns chama mais atenção do que outros, pois concernem diretamente ao uso do véu e ao cabelo, tanto em homens quanto em mulheres.

Por exemplo, quando ele discorre sobre 1 Cor 11:4, diz que Paulo “indica que não apenas no momento da oração, mas continuamente, ela deve estar coberta. Mas, no que diz

⁵⁷ Panóplia significa “armadura”.

⁵⁸ A paliçada é uma estrutura de defesa onde estacas de madeira são fincadas no solo em formato de “X”.

respeito ao homem, não é mais sobre cobrir a cabeça, mas sobre usar cabelo comprido, que ele estrutura seu discurso” (Hom., p. 260). Ou seja, é possível perceber que Crisóstomo tenta estabelecer comportamentos que ultrapassam o costume na assembleia religiosa e interferem na vida secular, ao estabelecer o uso do véu para as mulheres mesmo quando fora da igreja e o comprimento dos cabelos masculinos curtos.

Além disso, quando examina 1 Cor 11:6, Crisóstomo escreve que “se alguém disser: ‘Não, como isso pode ser uma vergonha para a mulher, se ela se eleva à glória do homem?’, podemos responder assim: ‘Ela não se eleva, mas, na verdade, cai de sua própria honra apropriada.’” (Hom., p. 264). Para ele, ao se equiparar ao homem no ato de desvelar-se, a mulher perde a dignidade própria de seu sexo.

Sobre o versículo 15 de 1 Cor 11, Crisóstomo fala para a mulher sobre a questão da natureza,

pois tu que deves estar coberta, a própria natureza, por antecipação, estabeleceu uma lei. Acrescenta agora, peço-te, também a tua parte, para que não pareças subverter as próprias leis da natureza; uma prova da mais insolente temeridade, lutar não apenas contra nós, mas também contra a natureza [...] Por esta razão, então, ele [Paulo] também emprega este argumento, significando exatamente isso: que ele não está promulgando nenhuma lei estranha e que, entre os gentios, suas invenções seriam todas consideradas como uma espécie de novidade contra a natureza (Hom., p. 267).

Nesse sentido, é possível perceber que os escritos paulinos estão relacionados com várias questões históricas, principalmente tendo em vista o contexto cultural romano da época. Desse modo, Paulo procurou assimilar certas virtudes pagãs e associar as ideias de *pudicitia* e modéstia ao uso do véu, facilitando o processo de conversão para religião cristã.

Além disso, ele também quis expurgar certos comportamentos pagãos que eram associados à desordem e ao caos, buscando trazer uma boa imagem para a nova religião emergente, uma vez que “a maioria dos coríntios eram gentios com uma visão e atitude helenística [...]. Os crentes de Corinto foram provavelmente influenciados por esses cultos greco-romanos antes deles se converterem para Cristo” (WU, 2020, p. 20). Portanto, a importância desse texto se evidencia na perpetuação do costume através dos séculos até os dias de hoje, por diferentes autores cristãos que apesar de apresentarem variadas interpretações sobre o uso do véu, todos demonstram a relevância de tal adereço para a vida da assembleia.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar a influência cultural romana no uso do véu no Cristianismo Primitivo, tendo em vista o texto paulino de 1 Cor 11 e as consequências posteriores destes escritos doutrina cristã, além de examinar o contexto histórico e social que permeava a prática de velar-se entre as mulheres em diferentes épocas pois, segundo Ricks (2011, p. 346), a utilização de véus, de forma pontual ou contínua, era uma marcador social no mundo antigo.

A proposta deste texto era focar na utilização da cobertura da cabeça por mulheres dentro do contexto religioso e moral, e mesmo que o uso do véu pelos homens tenha sido tratado pontualmente, não busquei esgotar aqui as questões relacionadas ao uso deste acessório. Esta pesquisa procurou compreender que o véu, enquanto elemento simbólico feminino, transcendeu suas funções práticas ao se tornar um marcador de identidade, *status* social e moralidade para as mulheres, especialmente no contexto romano e cristão.

Desse modo, foi possível observar brevemente os simbolismos relacionados ao uso do véu na Antiguidade, presentes em várias esferas, como a mitologia e a legislação, além de traçar uma genealogia deste paramento, desde as sociedades antigas do Oriente Próximo, como os assírios, babilônios e judeus, até sua incorporação nas culturas grega e romana.

O véu, inicialmente utilizado para proteger das intempéries da natureza, foi associado a rituais de casamento e passagem, tornando-se um distintivo de respeitabilidade e modéstia, diferenciando as mulheres “respeitáveis” daquelas consideradas promíscuas ou de *status* inferior. Essa prática foi consolidada em leis e costumes, como evidenciado nas leis assírias e nas normativas romanas, que regulamentavam o uso do véu como um indicador de virtude e castidade.

Nesse sentido, a análise do ideal feminino em Roma destacou a importância do conceito de *pudicitia* na construção da identidade das matronas romanas. O véu, juntamente com a *stola*, era parte essencial do vestuário das mulheres casadas, simbolizando sua respeitabilidade e reconhecimento dos valores morais da sociedade romana. As reformas de Augusto, que buscavam restaurar a moralidade tradicional, reforçaram ainda mais a relação entre o véu e a virtude feminina, pois mesmo sem uma prescrição legal explícita que

obrigasse o seu uso, a prática de se velar podia ser vista como um costume moral bastante indicado para aquelas mulheres que quisessem ser associadas à modéstia, e tal comportamento pode ter influenciado as práticas cristãs que emergiram no Império Romano, já que

nas comunidades paulinas há reflexões de aspectos da lei romana que buscavam regular padrões de comportamento. Foi por essa razão que algumas das instruções para as comunidades paulinas parecem ter sido elaboradas tomando conhecimento dessas leis. Elas também prescreviam certos padrões de conduta que eram endossados pela lei romana. Há também evidências de que mulheres e homens cristãos seguiam, ou corriam risco de seguir, os exemplos daqueles que estavam promovendo com sucesso costumes que eram proibidos (WINTER, 2003, p. 3).

Sob esse viés, foi possível observar os esforços de Paulo em adaptar as virtudes pagãs ao nascente Cristianismo, utilizando o véu como um elemento facilitador do processo de conversão. Em Corinto, cidade cosmopolita e pluralista, o apóstolo buscou diferenciar as mulheres cristãs daquelas consideradas imorais, além de afastar associações do cabelo solto e desordenado, que indicava certa sexualização, da assembleia cristã, já que “os valores romanos e sua cultura se tornaram predominantes na Corinto da época de Paulo” (WU, 2021, p. 3).

Ao recomendar o uso do véu, Paulo não apenas assimilou valores romanos de modéstia, mas também estabeleceu o que não era recomendado para a comunidade religiosa do Cristianismo emergente, tendo em vista as práticas pagãs. A ideia do véu foi perpetuada pelos primeiros pensadores cristãos, como Tertuliano e João Crisóstomo. A prescrição do véu, portanto, não se limitava a Corinto, mas refletia uma normativa que se estenderia a outras comunidades cristãs, consolidando-se como parte da tradição litúrgica (GALTER, 2021, p. 35).

Essa pesquisa também permitiu refletir sobre a complexidade do seu uso, que não se restringia a questões religiosas ou morais, mas também abarcava aspectos práticos, estéticos e identitários. O véu, enquanto elemento de moda e etiqueta, era parte integrante da cultura material do mundo antigo, refletindo as mudanças sociais e políticas de cada período.

Por fim, é importante destacar que o uso do véu no Cristianismo Primitivo não foi uma prática isolada, mas fez parte de um processo de assimilação e adaptação de diversos valores, como os pagãos e judaicos, por exemplo. A influência romana, em particular, foi decisiva na consolidação dessa prática, que se manteve viva ao longo dos séculos, sendo reinterpretada e ressignificada em diferentes contextos históricos. Nos últimos anos, observa-se um retorno do

uso do véu entre jovens mulheres cristãs, especialmente em movimentos tradicionalistas, o que demonstra a permanência e a relevância desse símbolo na contemporaneidade.

Nesse sentido, esses grupos mais conservadores reavivaram o uso do véu nos últimos tempos, tendo em vista que, apesar de não ter sido proibido, a utilização da cobertura da cabeça pelas mulheres na assembleia católica caiu em desuso pós-Concílio do Vaticano II⁵⁹. Por isso, o movimento tradicionalista continuou com a prescrição da prática do véu, apesar das reformas litúrgicas. “Observe que entre 1965, quando as resoluções conciliares foram promulgadas, e 1988, esse grupo seguia a liturgia tridentina (missas em latim) e a pastoral anterior (mulheres usando véus, padres em batinas pretas), algo baseado no Vaticano I e no Concílio de Trento” (CALDEIRA; SILVEIRA, 2021, p. 401).

E o crescimento desse movimento mais conservador também pode ser visto em outros locais do mundo, pois

Em 1990, havia no Brasil inteiro apenas treze paróquias que rezavam missas tridentinas. Hoje, são 133 listadas em um site especializado, fora as muitas que oferecem os dois ritos, o antigo e o atual [...] O maior país católico do mundo não é o único onde se vê um aumento do conservadorismo. As missas em latim estão em alta na Europa, o berço do catolicismo, e, principalmente, nos Estados Unidos, onde 22% se definem católicos: atualmente elas são rezadas em quase 600 igrejas americanas, de acordo com o portal Latin Mass Directory (VIEIRA; CERQUEIRA, 2019).

Portanto, este trabalho buscou contribuir para a compreensão do uso do véu como um fenômeno cultural, religioso e social, destacando sua importância no processo de formação da identidade cristã primitiva. A análise do contexto histórico e das fontes permitiu não apenas compreender as motivações por trás da prática de velar-se, mas também refletir sobre as complexas relações entre cultura, religião e sociedade no mundo antigo. Espera-se que esta pesquisa possa servir como ponto de partida para futuros estudos que explorem as múltiplas dimensões do véu e sua influência na construção de identidades ao longo da história.

⁵⁹ O Concílio do Vaticano II foi um concílio ecumênico convocado em 1961 pelo papa João XXIII, tendo como principal objetivo discutir sobre a ação e a relação da Igreja Católica nos tempos atuais, propondo reformas litúrgicas. Para alguns grupos conservadores, esse concílio trouxe mudanças negativas que afetariam a Tradição da Igreja.

FONTES

Para *Antiguidades Romanas*, de Dionísio de Halicarnasso *História de Roma*, de Cássio Dio; “Questões Romanas” (in: *Moralia*), de Plutarco; *Ações e Provérbios Memoráveis*, de Valério Máximo, *Sobre a Língua Latina*, de Marcos Terêncio Varro, usei as edições da Loeb Classical Library, disponíveis em: <https://www.loebclassics.com/>

Para os textos bíblicos citados, usei a *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2020.

APULEIO. *Metamorfoses*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1915.

ATENEU. *The Deipnosophists. Or Banquet Of The Learned Of Athenaeus*. London: H. G. Bohn, 1854.

AUGUSTO. *Res Gestae Divi Augusti*. Oxford: Oxford University Press, 1967.

CIPRIANO DE CARTAGO. “A Conduta das Virgens”, in: *Obras Completas*, vol. I. São Paulo: Paulus, 2016.

DIDASCALIA. A edição utilizada foi: GIBSON, Margaret (ed.). *The Didascalia Apostolorum in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

EPOPEIA DE GILGAMESH. A edição utilizada foi: OLIVEIRA, Carlos. *Epopéia de Gilgamesh*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EURÍPIDES, *As Bacantes*. A edição utilizada foi: PEREIRA, Maria. Tradução do Grego. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

JUVENAL. *Sátiras*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1881.

PARMÊNIDES. *Da Natureza*. São Paulo: Loyola, 2002.

PLAUTO. O Soldado Fanfarrão. A edição utilizada foi: *The Comedies of Plautus*. London: G. Bell and Sons, 1912.

TERTULIANO. Sobre o Véu das Virgens. A edição utilizada foi: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James. (ed.). *Ante-Nicene Fathers*, vol. IV. New York: Christian Literature Publishing Co., 1885.

TOMÉ. Evangelho Gnóstico de Tomé. (ed.). MIRANDA, Herminio. São Paulo: Editora Lachâtre, 1995.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homily XXVI. A edição utilizada foi: SCHAFF, Philip. (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*, vol. XII. Michigan: Eerdmans Publishing Co., 1889.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

- AHMED, Leila. *Women and Gender in Islam*. New Haven: Yale University Press, 1992.
- AZEVEDO, Sarah. *O adultério, a política imperial, e as relações de gênero em Roma*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- BEDUHN, Jason. “Because of the Angels”: Unveiling Paul’s Anthropology in 1 Corinthians 11. *Journal of Biblical Literature*, v. 118, n. 2, 1999, pp. 295–320.
- CAIRNS, Douglas. The Meaning of the Veil in Ancient Greek Culture. In: LLEWELLYN-JONES, Lloyd (ed.). *Women’s Dress in the Ancient Greek World*. Duckworth: Classical Press of Wales, 2002.
- CALDEIRA, Rodrigo; SILVEIRA, Emerson. Catholic Church and Conservative-Traditionalist Groups: the Struggle for the Monopoly of Brazilian Catholicism in Contemporary Times. *International Journal of Latin American Religion*, vol. 5, 2021, pp. 384–410.
- CIESLIK, Emma. Why a new generation of Catholic women is wearing chapel veils. *Religion & Politics*, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://religionandpolitics.org/2022/02/08/why-a-new-generation-of-catholic-women-is-wearing-chapel-veils/>. Acesso em: 18 set. 2024.
- CLELAND, Liza; DAVIES, Glenys; LLEWELLYN-JONES, Lloyd. *Greek and Roman Dress from A to Z*. London and New York: Routledge, 2007.
- CULHAM, Phyllis. Women in the Roman Republic. In: FLOWER, Harriet. *The Cambridge Companion to The Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- D’AMBRA, Eve. *Private Lives, Imperial Virtues: The Frieze of the Forum Transitorium in Rome*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- D’ANGELO, Mary. Veils, Virgins, and the Tongues of Men and Angels. Women’s Heads in Early Christianity. In: EILBERG-SCHWARTZ, Howard; DONIGER, Wendy (ed.). *Off with her head!: the denial of women’s identity in myth, religion, and culture*. University of California Press, 1995, pp. 131-164.
- DELANEY, Carol. Untangling the Meanings of Hair in Turkish Society. In: EILBERG-SCHWARTZ, Howard; DONIGER, Wendy (ed.). *Off with her head!: the denial of women’s identity in myth, religion, and culture*. University of California Press, 1995, pp. 53-75.
- DÉMARE-LAFONT, Sophie. “A cause des anges”: Le voile dans la culture juridique du Proche-Orient ancien. In: VERNIER, Olivier; BOTTIN, Michel; ORTOLANI, Marc (ed.). *Etudes d’histoire du Droit privé en souvenir de Maryse Carlin*. Paris: Editions La Mémoire du droit, 2008.
- DÜRING, Bleda. *The imperialisation of Assyria: an archaeological approach*. Cambridge University Press, 2020.

- EDMONSON, Jonathan. Public Dress and Social Control in Late Republican and Early Imperial Rome. In: EDMONSON, Jonathan et al. (ed.). *Roman Dress and the Fabrics of Roman Culture*. University of Toronto Press, 2008, pp. 21-46.
- FANTHAM, Elaine. Covering the Head at Rome. In: EDMONSON, Jonathan et al. (ed.). *Roman Dress and the Fabrics of Roman Culture*. University of Toronto Press, 2008, pp. 158-171.
- FEE, Gordon. *The First Epistle to the Corinthians*. The New International Commentary on the New Testament. Michigan: WB Eerdmans Pub. Co, 1987.
- GALTER, Hannes. Veil and Headscarf: Five Aspects of a Cultural Phenomenon. In: FABRO, Roswitha; FALES, Frederick; GALTER, Hannes. 'Headscarf and Veiling Glimpses from Sumer to Islam'. Venezia: *Antichistica*, v. 30, 2021.
- GILL, David. The Importance of Roman Portraiture for Head-Coverings in 1 Corinthians 11: 2-16. *Tyndale Bulletin*, v. 41, n. 2, 1990, pp. 245-260.
- GLARE, Peter. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- GONÇALVES, Beatriz. De Traditio Velum: O piedoso uso do véu na Patrística. *Pneuma*, v. 2, n.1, 2023, pp. 15–39.
- HEATH, Jennifer (ed.). *The Veil: Women Writers on its History, Lore, and Politics*. University of California Press, 2008.
- HEMELRIJK, Emily. *Women and Society in the Roman World: A Sourcebook of Inscriptions from the Roman West*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- HERSCH, Karen. *A Cultural History of Marriage in Antiquity*. London: Bloomsbury, 2021.
- HIGHWATER, Jamake. *Myth and Sexuality*. New York: Penguin Books, 1991.
- HUGHES, Lisa. Unveiling the veil: cultic, status, and ethnic representations of Early Imperial freedwomen. *Material Religion*, v. 3, n. 2, 2007, p. 218-241.
- KOSLIN, Désirée. "He hath couerd my soule inwarde" Veiling in Medieval Europe and the Early Church. In: HEATH, Jennifer (Ed.). *The Veil: Women Writers on its History, Lore, and Politics*. University of California Press, 2008, pp. 160-170.
- LANGLANDS, Rebecca. *Sexual Morality in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LEE, Adam. *Political change in ancient Rome: the role of pudicitia and sophrosyne in Livy's and Cassius Dio's accounts on Lucretia*. Dissertação de Mestrado. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2023.
- LEONE, Massimo. Cultures of Invisibility: The Semiotics of the Veil in Ancient Judaism. In: CMECIU, Doina; STĂNCIULESCU, Traian (ed.). *Transmodernity: Managing Global Communication. Proceedings of the Second ROASS Conference*. Bacău: Alma Mater Publishing House, 2009.
- _____. Cultures of Invisibility: The Semiotics of the Veil in Ancient Rome. In: *Proceedings of the 8th Congress of the International Association for Visual Semiotics held in Istanbul*. ISTANBUL: Istanbul Kültür Üniversitesi, 2007.

- _____. Cultures of Invisibility: The Semiotics of the Veil in Early Christianity. American University at Girne: North Cyprus, 2008.
- LEVINE, Molly. The Gendered Grammar of Ancient Mediterranean Hair. In: EILBERG-SCHWARTZ, Howard; DONIGER, Wendy (Ed.). *Off with her head!: the denial of women's identity in myth, religion, and culture*. University of California Press, 1995, pp. 76-130.
- LEWIS, Charlton; SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1879.
- LLEWELLYN-JONES, Lloyd. *Aphrodite's Tortoise: The Veiled Woman of Ancient Greece*. Swansea: Classical Press of Wales, 2003.
- MONTERO, Santiago. *Deusas e Adivinhas: Mulher e adivinhação na Roma Antiga*. São Paulo: Editora Musa, 1998.
- NIBLEY, Hugh. *Temple and Cosmos: Beyond This Ignorant Present*. Maxwell Institute Publications, 2002.
- RICKS, Stephen D.; RICKS, Shirley S. With Her Gauzy Veil Before Her Face": The Veiling of Women in Antiquity. In: SKINNER, Andrew et al. *Bountiful Harvest: Essays in Honor of S. Kent Brown*. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2011, pp. 345-356.
- RODRIGUES, Amanda. *Oh! Ide, Bacantes!: A Participação Feminina em Rituais Dionisíacos*. Trabalho de Conclusão de Curso. Araraquara: Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras, 2022.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *In Memory of Her: a Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. New York: Crossroad, 1994.
- SEBESTA, Judith; BONFANTE, Larissa (ed.). *The World of Roman Costume*. University of Wisconsin Press, 2001.
- _____. Judith. Women's Costume and Feminine Civic Morality in Augustan Rome. *Gender & History*, v. 9, n. 3, 1997, pp. 529–541.
- SEGAL, Alan. *Paul the convert: The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee*. Yale University Press, 1990.
- SMITH, William (ed.). *A Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. London: John Murray, 1848.
- STAFFORD, Grace. Veiling and Head-Covering in Late Antiquity: Between Ideology, Aesthetics and Practicality. *Past & Present*, v. 263, n. 1, 2024, pp. 3–46.
- STAPLES, Ariadne. *From Good Goddess to Vestal Virgins: Sex and Category in Roman Religion*. London /New York: Routledge, 1998.
- STEPHAN, Rita. Virtue and Sin: An Arab Christian Woman's Perspective. In: HEATH, Jennifer (ed.). *The veil: Women Writers on its History, Lore, and Politics*. University of California Press, 2008, pp. 191–201.
- STOL, Marten. *Women in the Ancient Near East*. Berlin: De Gruyter, 2016.

- SWAGGART, Jimmy. *Bíblia de estudo do expositor*. São Paulo: Ministério de Jimmy Swaggart, 2015.
- SYED, Jawad. An Historical Perspective on Islamic Modesty and its Implications for Female Employment. *Equality, Diversity and Inclusion*, v. 29, n. 2, 2010, pp. 150–166.
- TARIQ, Tahmina. Let Modesty Be Her Raiment: The Classical Context of Ancient-Christian Veiling. *Implicit Religion*, v. 16, n. 4, 2014, pp. 493–506.
- THOMPSON, Cynthia. Hairstyles, Head-Coverings, and St. Paul: Portraits from Roman Corinth. *The Biblical Archaeologist*, v. 51, n. 2, 1988, pp 99–115.
- VIEIRA, Maria; CERQUEIRA, Sofia. Tradicionalismo atrai jovens fiéis: missa em latim e mulheres de véu. *Revista Veja*. 8 nov. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/tradicionalismo-atrai-jovens-fieis-missa-em-latim-e-mulheres-de-veu>. Acesso em 25 mar. 2025.
- WINTER, Bruce. *Roman Wives, Roman Widows: The Appearance of New Women and the Pauline Communities*. Cambridge: Eerdmans Publishing, 2003.
- WU, Rongxi. *The Veil in Classical Antiquity: A Sociocultural and Exegetical Study of 1 Corinthians 11: 2-16*. Tese de doutorado. University of Sheffield, 2020.